

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**A REALIDADE FICCIONAL EM O *CHEIRO DO RALO* E A FICCIONALIDADE DO
REAL NA FEIRA DA PRAÇA BENEDITO CALIXTO - SP**

Leonardo José Cappucci

Trabalho de Graduação Individual para a
conclusão do curso de Bacharelado em
Geografia na Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo

Orientador Prof. Dr. Carlos de Almeida Toledo

São Paulo
Dezembro 2018

Sumário

Agradecimentos	5
Apresentação	8
Introdução	10
Parte I	18
“A vida é dura”: geografia e literatura	18
Parte II	33
1. A Realidade Ficcional em “O cheiro do ralo”	33
2. A Ficcionalidade do Real: uma visita à Feira de Antiguidades e Usados da Praça Benedito Calixto em São Paulo	60
Algumas Considerações	85
Referências	89

A Flor e a Náusea

*Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.*

Melancolias, mercadorias, espreitam-me.

Devo seguir até o enjão?

Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:

Não, o tempo não chegou de completa justiça.

O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.

O tempo pobre, o poeta pobre

fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.

Sob a pele das palavras há cifras e códigos.

O sol consola os doentes e não os renova.

As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam este tédio sobre a cidade.

*Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.*

Nenhuma carta escrita nem recebida.

Todos os homens voltam para casa.

*Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.*

Crimes da terra, como perdoá-los?

Tomei parte em muitos, outros escondi.

Alguns achei belos, foram publicados.

Crimes suaves, que ajudam a viver.

Ração diária de erro, distribuída em casa.

Os ferozes padeiros do mal.

Os ferozes leiteiros do mal.

*Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.*

*Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralise os negócios,
garanto que uma flor nasceu.*

*Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.*

*Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.*

Carlos Drummond de Andrade

Agradecimentos

Agradeço tijolo por tijolo. Agradeço ao BNH, agradeço ao teto, ao interruptor, ao cobre, à luz. Agradeço às moedas, ao cofrinho, ao porco. Agradeço aos móveis, sofá, criado-mudo, ao espelho do banheiro, aos sabonetes, ao ralo. Agradeço o kichute, às calças semi bag, aos perfumes e relógios paraguaios. Agradeço aos drinks, bombeirinhos, maria-mole. Agradeço à mala, à foto, à faca, à pasta, ao pó.

Seguidos, um dia após o outro, moto contínuo e sempre ao amanhecer, ele agradece.

Quando a janela de vidro e grade pela qual a noite passa como vulto da lua começa a receber os primeiros raios de sol, ele desperta. Quase sem acordar, começam seus agradecimentos.

Quantos dias serão necessários para agradecer todas as coisas que passaram por sua vida? Se perguntam as enfermeiras com sorriso a meia boca, alimentado diariamente pela loucura alheia.

Era o sol iluminar e rasgar o vidro da janela, lá vem ele com olhar distante e saliva no canto da boca.

Agradeço ao lápis com tabuada que me salvou de ser completamente idiota. Agradeço à moto que pela primeira vez esvoaçou meu cabelo antes de estraçalhar meu joelho. Agradeço ao último parafuso, aos seus pneus, à borracha, agradeço à insustentável leveza da gasolina. Agradeço às bolas de diversos tamanhos, aos presentes do Papai Noel. Agradeço a todo e qualquer objeto que tenha passado pela minha vida. Agradeço às coisas!

Enquanto seu passado de coisas invade e rasga a conexão direta mente-boca, o friozinho da manhã é substituído por uma febre, um calor que escalona sua fala. A cada coisa, seu tom de voz aumenta. Depois de algumas dezenas de agradecimentos, está gritando.

A enfermeira chefe autoriza o adiantamento da aplicação das drogas que seriam dadas como rotina apenas às 8h. Assim, a rotina do Sr. Coisa -

como era conhecido - é sempre antecipada. Depois da medicação, volta a dormir seu sono moribundo e pelo resto do dia não agradece, não fala mais uma palavra sequer.

No dia seguinte, mais lembranças, mais agradecimentos.

Agradeço aos estilingues, às fubecas, aos pipas, agradeço ao vidro moído, agradeço à cola de sapateiro pelos seus múltiplos usos. Agradeço à flauta doce que se me lembro bem, como toda criança, devo ter tido uma e que mostrou minha incapacidade de aprender música. Agradeço aos portões de ferro que nos dão segurança, por isso agradeço às máquinas inventadas para extrair o ferro, que derretido viram peças usadas na produção de máquinas de extração de mais ferro. Agradeço às embalagens coloridas, às garrafas, ao algodão com merthiolate. Agradeço às facas de serra, capazes de cortar o pão mesmo que o diabo tenha amassado.

E quando a voz fica como a de um pastor em exorcismo, perto de tocar o dedo de Deus, a enfermeira corre, antes que o Sr. Coisa acorde os outros passivos mas inquietos pacientes.

Todas as manhãs, enquanto o comprimido calmante passa pela sua garganta acompanhado pelo som do gole, diz sempre como última palavra do dia, como a morte do dia: Obrigado!

Depois disso, não apenas as palavras desaparecem, mas também seu olhar. É como se não estivesse mais ali. A tranquilidade da enfermagem é fruto do progresso da indústria farmacêutica. “Máfia dos dopantes”, segundo Estamira.

Celeste, a enfermeira do turno da manhã, que escuta diariamente os agradecimentos, sente frio na espinha quando ouve seu filho lhe agradecer compulsivamente a cada brinquedo que lhe dá para compensar sua ausência em casa, por conta dos plantões nas duas clínicas psiquiátricas que trabalha. Nas noites, Celeste lembra do Sr. Coisa enquanto olha para seu filho, ao passo que pela manhã, lembra do seu filho ao olhar para o Sr. Coisa.

Em meio aos agradecimentos do Sr. Coisa, entre um gole e outro de café, Celeste pergunta à sua companheira de enfermagem:

Mas porque mesmo o Sr. Coisa veio parar aqui dentro, qual é mesmo seu diagnóstico?

Dizem que chegou aqui com a roupa do corpo e um livro na mão, “O Cheiro do Ralo” daquele escritor que tá meio famoso, Lourenço Mutarelli... outro doido. Chegou fazendo perguntas compulsivamente. Antes dessa fase dos agradecimentos, fazia apenas perguntas, uma atrás da outra, mas parece que era uma coisa exagerada, eram muitas perguntas. Sabe essa coisa de pergunta sem resposta. A introdução das medicações que aquietou seu facho.

Por isso que é bom não fazermos muitas perguntas sobre a vida, não é mesmo? Tem que deixar a vida correr, deixar rolar, se não o fardo é muito grande.

Daí, depois das medicações, ele passou apenas a agradecer. Vai entender.

É. Às vezes a resposta pras nossas perguntas é o silêncio diário de um comprimidinho, diz Celeste com um sorriso inconsistente.

Ainda se fossem respostas, vá lá, mas que diabos perguntava tanto, né?

Chegou aqui dizendo que aprendeu a perguntar com um tal de Dieter.

Ele e uma gente aí. Sei lá...tudo doido.

Carlão! Traz mais lençóis pra ala 2, por favor.

Miga, cá entre nós...esse enfermeiro novo é meio esquisito, não é não?

Apresentação

*“Pai, esse negócio de TGI é pra sempre?”
Tiê, meu filho de 10 anos*

Em mais de dez anos de graduação foram feitos 2 filhos, 50 disciplinas, 1 ano de Iniciação Científica, 7 anos de estágio remunerado em 4 instituições diferentes, muitas conversas de corredor, poucas festas. Costurado a isso, vendi meu tempo e meu corpo para 7 empresas diferentes que em alguns períodos sobrepunham-se por força da sobrevivência. Nesse sentido, este ensaio carrega todas as contradições de um estudante pouco produtivo frente ao que se espera em ambiente de formação de mão de obra especialista. As curvas e desencontros desse processo fazem parte de sua constituição. A complexidade dessa história onde a formação acadêmica não deve ser pensada sem as contradições de uma vida urbana paulistana, resultou na formulação de perguntas, mais do que de respostas.

Sem criticar o próprio processo até a primeira metade deste percurso, apenas fazia, executava as formalidades que como promessas, me lançariam para fora do limbo que a experiência de mobilizado pelo trabalho braçal havia me colocado até então. Era o momento da construção, da formação clássica de mão de obra com algum grau de intelectualidade.

Já a segunda metade da minha formação é como uma mesa virada. Os objetos, suas posições, os papéis e seus escritos estavam agora no chão. Invertidos, já não podiam ser lidos da mesma maneira, nunca mais. Foi o período de desconstrução da tentativa de ascensão individual. O indivíduo já não mais faria sentido se não como sujeito sujeitado e seu mundo como tragédia. Essa longa trajetória e o demorado Trabalho Individual de Graduação foram escritos no chão, ao lado da mesa virada, em papéis invertidos.

O tema dessa pesquisa que será apresentada em forma de ensaio acadêmico passou por uma primeira experiência de estudos e reflexões na Iniciação Científica concluída em 2012 e intitulada “O cheiro do ralo: o processo crítico da modernização nas feiras e lojas de artigos usados em São Paulo” sob orientação do querido professor Heinz Dieter Heidemann. Desde então, o mesmo tema foi perseguido em suas conjunturas empíricas e teóricas. Nesse período, um esforço foi feito em direção a uma maior aproximação do trabalho de Lourenço Mutarelli, autor de “O cheiro do ralo” (OCR), romance que serviu de ponto de diálogo entre a literatura paulistana contemporânea e a cidade de São Paulo. Com menor grau analítico e mais como experiência literária foram lidos quase todas suas 11 publicações de quadrinhos e a totalidade de seus 7 romances.

Em meio à complexidade de uma vida que não se restringe aos estudos acadêmicos, em meio ainda a períodos de maior e menor dedicação, a participação nos grupos de estudos dentro e fora do departamento de geografia da Universidade de São Paulo foi fundamental para minha formação e para a elaboração deste texto. Esse aporte teórico proporcionou, ao mesmo tempo, vontade e dificuldade. Nesse sentido, o estímulo é crítico uma vez que, enquanto era apresentado à uma crítica radical, acabava por reconhecer as limitações da própria crítica que se pretende não iluminista.

Entre a iniciação e o TGI, além de um insuficiente mas importante avanço na leitura da teoria crítica, houve uma maior intimidade com o romance estudado através de releituras pormenorizadas e uma maior aproximação com o autor participando de oficinas e cursos por ele ministrados. Portanto, este ensaio é resultado de algum amadurecimento teórico que, ao mesmo tempo em que amadurece, revela a necessidade de maior empenho.

Introdução

*“É bonito aqui.
É porque aqui tem de tudo.
Tem tudo o que o mundo pode dar”
(OCR, p. 130)¹*

Esse ensaio tem como centralidade uma reflexão crítica sobre o fetiche da mercadoria no ambiente urbano contemporâneo. Para tanto, lançamos mão da possibilidade de interpretar a cidade de São Paulo tendo como referência textos acadêmicos, literatura ficcional, além da análise de dados primários coletados em campo.

A cidade de São Paulo apresenta múltiplas possibilidades de estudo sobre as particularidades da relação social capitalista que a constitui. A escolha pode passar por influência de pesquisas prévias, influência de grupos de estudo, pela experiência de vida do ensaísta, por perguntas feitas em meio ao cotidiano, ou por algo que tenha atravessado o pensamento de forma pungente. Dentre as inúmeras possibilidades, uma obra literária ficcional não é menos importante. Nesse sentido, o objeto desta análise é uma composição de realidade e ficção presente na Feira da Praça Benedito Calixto, localizada no bairro de Pinheiros, ao mesmo tempo em que no romance do escritor contemporâneo Lourenço Mutarelli, “O Cheiro do Ralo” (2002). Por isso, em nossa pesquisa, a visita à cidade real foi também uma visita às suas aparências e ficcionalidades.

Apesar da dificuldade em lidar com a linha tênue entre realidade e ficção, o início do estudo traz consigo, a percepção de que a visita literária deve ser feita e refeita a partir da própria obra, o lugar a se analisar na literatura deve ser o fictício. A passagem direta da ficção para a realidade é

¹ “O Cheiro do Ralo” (2002)- OCR, primeiro romance do escritor paulistano Lourenço Mutarelli. As citações do texto serão preservadas em sua estrutura original.

insólita. O uso da literatura para pensar o espaço urbano está fundamentalmente em seus símbolos, em suas alegorias, ou ainda, em seu próprio caráter de produto social.

O Cheiro do Ralo nos permitiu uma particular passagem simbólica por apresentar de forma contundente a abstração das relações sociais contemporâneas. O curioso e central para nosso estudo é que faz isso nos mergulhando em um amontoado de objetos.

O enredo criado por Mutarelli é desenrolado por personagens-não-personas que se cruzam, não ao acaso, em uma loja de artigos usados e antiguidades, exclusivamente mediados pelo dinheiro. Nenhum deles tem nome. Não precisam. Como sujeitosujeitados não conduzem suas próprias histórias e involuntariamente dão vazão à história que, simbolicamente é a de todos nós. História de uma sociedade que ao produzir mercadorias em um movimento tautológico, produz também uma inversão entre sujeito e objeto, ou se preferirmos a própria construção do sujeito moderno objetificado. A leitura dessa ficção se deu acompanhada de Antônio Candido (2010) relacionando a crítica literária à crítica social, Cláudio Roberto Duarte (2005, 2010) que visualiza uma potência na literatura que considera negativa e Renata Santos Rente (2013) que discute a literatura como um dos discursos da cisão social.

Interpretações sobre desvios psicológicos do protagonista são possíveis e foram feitas por alguns trabalhos, para além das análises literárias. De fato, o percurso do protagonista contextualizado por visões de vulto, remédios, obsessões, a construção fictícia da figura do pai, o sarcasmo, a frieza, entre outros elementos, dão margem para uma leitura do indivíduo doente². Porém, nossa interpretação não atinge esse debate e a escolha é pelo estudo da mercadoria como mediadora social.

² Tivemos a oportunidade de participar de uma sessão seguida de debate sobre o filme “O cheiro do ralo”, dirigido por Heitor Dhalia, baseado no romance de Lourenço Mutarelli, em um evento sobre Cinema e Psicanálise, no Instituto D’alma, no dia 18 de fevereiro de 2017. Durante o debate, mostrou-se a importância da construção dos personagens da trama para uma análise psico-social.

Sem dar conta das múltiplas possibilidades de análise do romance, nos propusemos a pensar em qual sociedade esse livro e esses personagens existem. São produtos históricos e, portanto, precisam ser pensados enquanto particularidades da forma social que vivemos. O fato de o enredo lidar diretamente com a violência explícita da forma mercadoria é que nos chama a atenção, considerando a importância dessa categoria na sociedade moderna. Somado a isso, o livro também lida com a miserabilidade que se desdobra dessa forma social, elemento que fora da ficção é cotidiano em nossas cidades e que no limite adoece de fato as pessoas. Porém as pessoas não adoecem nas mesmas condições. No caso de quem troca por necessidades básicas adoece pela via da miséria e humilhação, por outro lado, quem vive acoplado ao poder do dinheiro, adoece pela ilusão de superioridade, o que desdobra em condições de vida bem distintas.

A síntese simbólica da relação fetichista que vivemos inadvertidos chama a atenção na obra de Mutarelli e coloca em evidência nosso cotidiano de sujeitados pela produção e circulação de mercadorias. Essa determinada leitura do romance que propomos aponta para o colapso social que relutamos em reconhecer na realidade.

É fato que não se encontra o lugar descrito no fictício em uma cidade real. Essa busca está descartada. Por outro lado, a impossibilidade do encontro dessa particularidade não impede de perguntarmos sobre a existência de uma totalidade social do colapso, que aparece na ficção como decadência individual, ao mesmo tempo em que como fetichismo na realidade social positiva. Esse impasse produz uma das perguntas centrais no estudo: a mercadoria como mediação social real conduz nossas vidas como na representação fictícia em *O cheiro do ralo*?

Reconhecendo a possibilidade de interpretação que considera tanto a literatura quanto a feira da praça como produtos da sociabilidade urbana mercantil, não provocamos um movimento abrupto ao transitar de um objeto a outro. Isso dá margem para que se pense sobre o grau de realismo presente

na literatura desse paulistano ao mesmo tempo em que se pense sobre a dimensão ficcional (“fantasmagórica”) de nosso cotidiano real.

Para tanto, nos apoiamos em críticos da forma social capitalista e que de alguma maneira consideram a mercadoria e seu caráter fetichista como categoria fundante dessa sociabilidade como, Karl Marx (1988), Robert Kurz (1996, 1997, 2004), Anselm Jappe (2006). No campo da crítica urbana foram utilizados textos de Henri Lefebvre (1991) David Harvey (2005) e Amélia Damiani (2008).

Este ensaio traz consigo elementos de vários momentos da pesquisa. Durante este estudo que já dura mais de 6 anos (não lineares, nem mesmo contínuos), além das leituras no campo da crítica do valor e da crítica literária, foram feitas algumas visitas à Praça Benedito Calixto que incluem conversas com frequentadores, expositores e com a Associação dos Amigos da Praça; uma intervenção concebida e executada por mim e intitulada “Vende-se o Nada” na feira da mesma praça; entrevistas em lojas de objetos usados e antiguidades de diferentes padrões; estudo de séries de TV sobre comércio de antiguidades; participação em grupos de estudos dentro e fora do departamento de geografia da USP; leitura dos outros romances escritos pelo autor; releituras do romance central; entrevista com Lourenço Mutarelli³. Mesmo que não explícitos, de alguma forma esses elementos compõem este ensaio.

Considerando esse texto metade pesquisa, metade experiência de aluno tardio do curso de geografia, deve-se ponderar que não se apresenta aqui um produto acabado. Nem mesmo, bem acabado. Incompleto como todo TGI deve ser, finda com quase nenhuma contribuição social, mas com valiosa

³ Lourenço Mutarelli me recebeu em sua casa e por cerca de duas horas conversamos sobre o surgimento da ideia do enredo, sobre a centralidade da troca de mercadorias, a ambientação da história, características dos personagens, entre outros. Em caráter de diálogo, o encontro promoveu um bom mergulho na obra, o que trouxe à pesquisa intensificação da relação da literatura com a geografia enquanto discursos urbanos e que colaborou com o trabalho de campo feito na metrópole onde o autor vive e viveu a experiência de escrever ficcionalmente. Além da entrevista, outros encontros foram possíveis, como aluno de seus cursos ligados ao seu campo de trabalho, ministrados em São Paulo.

transformação individual. Transformação essa que passa por criticar a própria condição de indivíduo, a própria condição de geógrafo e no limite, coloca em xeque a própria formação acadêmica. Por outro lado, é necessário reconhecer que de forma contraditória, minha experiência na Universidade de São Paulo foi muito importante. Principalmente quando percebida no contexto de uma vida comum, que no ensino médio nega a escola para positivar o trabalho; que em seguida, enfrenta o supletivo positivando tanto a escola quanto o trabalho; que ao entrar no ensino superior positiva o trabalho intelectual; e que por fim, sai da universidade tencionando a escola, o trabalho e a própria universidade.

A dinâmica social contemporânea está intimamente ligada à história da reificação que não damos conta de contá-la, considerando nossos limites enquanto indivíduos constituídos por essa sociabilidade fetichista que, além de coisas, produz uma “loucura cotidiana”, onde os loucos são também conhecidos como civilizados. E nesta escala gradativa de modernização, nota-se o esforço de se civilizar “ad infinitum”.

Mesmo ciente de que a lógica dessa forma social está na produção tautológica de mercadorias por meio do trabalho abstrato, consideramos importante pensar sobre as estratégias fetichistas de manutenção racional dessa irracional sociabilidade. Não é de hoje que o design e o consumo de mercadorias são usados como tentativa de diferenciação social marcadas pelo ter. O livro “Objetos de desejo” (FORTY, 2007) traz diversas passagens históricas sobre essa tentativa como, por exemplo, novas mobílias de escritório para o trabalho administrativo não pesar como o chão de fábrica; objetos criados especialmente para crianças no momento em que a infância foi instituída como uma fase da vida; uniforme para que as empregadas domésticas não fossem confundidas com as patroas. Percebe-se com isso que a crise imanente e a concorrência, historicamente lançam mão da construção criativa de inúmeros discursos de convencimento sobre a busca do conforto que supostamente só o capitalismo poderia proporcionar. O que não se contava é que essa busca pela construção do sujeito se dá justamente

pela reificação e pelo esvaziamento da subjetividade. “Quanto mais irrelevantes se tornam os indivíduos, mais relevantes passam a ser os objetos mais indiferentes das necessidades diárias.” (KURZ, 1997, s.p.)

Na praça Benedito Calixto em Pinheiros, todos os sábados a cena se repete. Como em um filme ou em um romance onde os personagens ego centrados simplesmente vivem a história posta, sem pensar a fundo em sua existência.

No lugar de relações e conflitos sociais surge a "auto-encenação" de imitações da pessoa, que trabalham na estetização de sua biografia. Elas relacionam imediatamente tudo o que vêem e ouvem a si próprias: o mundo só existe por que é parte de "meu" design. Isso traz à memória, de forma suspeita, os sintomas clínicos da esquizofrenia. Não apenas peças do vestuário e objetos de recordação, mas também cenários históricos, paisagens inteiras, a própria família e, finalmente, o próprio parceiro de cama aparecem como simples figurantes da encenação de si mesmo. (KURZ, 1997, s. p.)

O culto circular em torno da praça-mercadoria não é obra do acaso. Essa ficcionalidade real tem explicação histórica e revela o quão importante é a mercadoria na formação social e do indivíduo moderno. Concreto, esse momento de encontro na praça não revela sua real função que é a de circular capital fictício e de rebarba permitir a sobrevivência crítica de algumas centenas de pessoas. Como suporte dessa encenação, a estética do exclusivismo, do belo e da pseudo-história das coisas, dá conta de alimentar o fetichismo da forma social mercantilista.

Portanto, se trata de um mundo real e concreto vivido em sua superfície, e que para sobreviver enquanto trágica realidade precisa se ficcionalizar como possível. Nesse sentido, coloca-se aqui uma questão sobre a fronteira entre a realidade e a ficção analisadas neste ensaio. Quando apertadas pela crítica, tanto a realidade quanto a ficção mostram-se frágeis enquanto conceitos absolutos.

Tendo a realidade como interpretação histórica, escolhemos lê-la como fictícia. A feira na praça Benedito Calixto se constitui como uma das formas falseadas da alegria em se viver uma dinâmica que mata gente para ser reproduzida. E por isso, tem o cheiro do ralo. É a ponta de uma relação social violenta que historicamente construiu discursos de apresentação que fossem capazes de esconder seu verdadeiro sentido e suas perversas simultaneidades. A realidade cotidiana é essa ponta, é o visível, o concreto naturalizado como essência, e por isso fictícia. Uma ficção histórica.

Por outro lado, a literatura ficcional, além de se constituir como real produção, como mercadoria que circula na superfície, pode em muitos momentos, lidar com uma realidade muitas vezes vivida e não percebida. Tamanho é o peso da crítica da realidade profunda, que talvez o discurso da barbárie seja socialmente aceito apenas enquanto invenção. Investimos pesado na construção de nossa aparente subjetividade, para servirmos socialmente como objeto de consciência fetichista. Por isso, não somos capazes de reconhecer nossa insanidade na loucura criada na ficção.

Essa imensa coleção de desnecessidades que cerca os indivíduos particularizados, no fundo, representa a necessidade do capital de produzir mercadorias em uma relação crítica e contraditória onde quanto mais eficiente for sua realização, mais catastrófica será sua realidade. A partir dessa generalidade intrínseca a esta relação social, uma infinidade de particularidades simultâneas reproduzem um mundo cada vez mais cínico.

A volta em torno da praça recheada de vida: a das mercadorias; literatura comercializada e lida como um compilado de casos de psiquiatria; trabalho aos finais de semana como complemento da renda insuficiente; conhecimento sobre objetos como gerador de renda; montagem e desmontagem de eventos como reprodução da miséria escondida na cortina do excêntrico; o inestimável precificável; o “valor” das coisas está em sua natureza; o sentido da vida amparado na história das coisas; pessoas sujeitadas e objetos protagonistas. Estes foram alguns dos fragmentos com os quais nos deparamos durante esse estudo e que ganham importância

como formas cotidianas da maneira de ser contemporânea do fetiche da mercadoria.

Nesses termos, a ficcionalização parece se ampliar com a crise. Os sujeitos flexíveis devem estar disponíveis e, em meio aos escombros, devem ainda, criar seus discursos de felicidade amarela e sorrisos cansados de canto de boca. É a construção de um por vir realmente fictício e trágico. É a reprodução da superfície inventada e que neste trabalho, ainda que parcialmente, tentamos fissurar para uma breve espiada. O que se vê pela fresta? A metáfora do cheiro do ralo nos dá indícios.

Parte I

“A vida é dura”: geografia e literatura

A leitura dos romances de Lourenço Mutarelli somada à entrevista com o autor e a participação em cursos por ele ministrados apontam para uma produção artística que apesar de se constituir como mais uma mercadoria cultural e como reposição da lógica social, parte do mal-estar de um escritor sensível e também violentado pela cidade em que vive. Durante muitos anos o autor viveu marginalizado, trabalhando 16 horas por dia, produzindo quadrinhos ganhadores de prêmios, mas com baixíssima inserção no mercado editorial e que mal cobriam os custos de comer e morar. Atualmente, mesmo enquanto escritor sujeitado a uma das editoras mais poderosas do país, continua a reconhecer a contradição de se produzir arte enquanto mercadoria. Faz críticas ao mercado editorial e sempre que pode apóia novos autores de quadrinhos, além de dialogar de perto com a “Literatura Marginal” da periferia de São Paulo, apresentando assim uma postura crítica com a própria realidade de escritor.

O momento histórico que lidamos é contemporâneo a este texto, à literatura analisada e à existência das lojas e feiras de troca da cidade de São Paulo. Apesar disso, não se busca neste ensaio uma análise literária, seguida da geográfica para por fim, juntar as duas. Se assim fosse, a tentativa seria de forçosamente buscar as lojas e feiras reais como elementos geográficos no livro ao mesmo tempo em que buscar na realidade algo similar à situação criada pelos personagens da obra. “O Cheiro do Ralo” de Lourenço Mutarelli não permitiria isso. Seu enredo não é concreto o bastante para que possamos apalpá-lo na cidade real, apesar de ser um romance explicitamente urbano. Esse aspecto do romance estimula a interpretação sobre as abstrações dos processos concretos da cidade, uma vez que o

enredo clássico de um realismo formal apresenta paisagens e sujeitos positivos que se encontram na superfície da realidade, sendo que

(...) quanto mais densa e cerradamente se fecha a superfície do processo social da vida, tanto mais hermeticamente esta encobre a essência como um véu. Se o romance quiser permanecer fiel à sua herança realista e dizer realmente como as coisas são, então ele precisa renunciar a um realismo que na medida em que reproduz a fachada, apenas a auxilia na produção do engodo. (ADORNO, 2003, p.57)

Para além da superfície, seus elementos simbólicos e seu realismo do mal-estar passam a ser objetos de nossa reflexão sobre a realidade da feira de artigos usados e antiguidades da Praça Benedito Calixto, situada no bairro de Pinheiros, no município de São Paulo. Isso porque, consideramos que a obra esbarra no colapso real da vida moderna e nesse caso particular, da vida urbana. A força do uso das alegorias na literatura está justamente no fato da lógica ser exposta a partir de algo imagético. Por vezes, se faz necessário uma ruptura com os conceitos racionalmente cristalizados para nos darmos conta de que a realidade pode ser vista a partir do não real. Ou ainda, que a irrealidade encontra-se no parecer ser dessa real sociedade, ao mesmo tempo em que a realidade encontra-se exposta como fratura no modo de ser desta literatura analisada.

O “espetáculo” analisado por Guy Debord (1997) lida criticamente com a reposição social dos fragmentos compositores de imagens, que aparecem como evolução humana, mas que escondem sua essência a-criativa e alienada. Mesmo considerando as contradições do fato de um romance não estar fora dessa sociedade espetacular, nos apropriamos dos fragmentos do espaço urbano abstrato em “O cheiro do ralo” enquanto elementos do colapso social. Por isso, analisá-lo frente à vida cotidiana da cidade de São Paulo

pode ser interessante, considerando Lourenço Mutarelli um sensível tradutor da catástrofe social que vivemos nas grandes cidades. Sendo assim, ir ao livro é também ir a São Paulo, e no caso da literatura analisada, pelo viés do mal-estar.

Talvez um dos elementos mais realistas da ficção em *O cheiro do Ralo* seja àquilo que nos parece mais irreal, que é justamente a frieza sarcástica do protagonista que para um comerciante real nunca foi um bom negócio. Os comerciantes reais, incluindo os da Benedito Calixto, são gentis e raras vezes demonstram o que sentem verdadeiramente. A relação de compra e venda é sempre uma grande encenação e, portanto uma relação ficcional, uma espécie de teatralização para a sobrevivência. Nesse sentido, pensamos que Mutarelli não constrói um universo ficcional com parâmetros que não existem na cidade real. Parece-nos que as regras do jogo do comércio inventado por ele são realistas apesar de alegóricas. É como se o comerciante inventado dissesse tudo aquilo que o comerciante real sempre quis dizer e nunca pôde.

O que se vê nas lojas reais é o “sorriso burguês”⁴. É o lugar da liberdade. A liberdade e igualdade iluminista empenhada pelos neoliberais. E no caso da feira da Praça Benedito Calixto a liberdade contraditória se amplia, uma vez que é trabalhada por setores tidos como progressistas. Constitui-se como um lugar da cidade onde a liberdade é aparentemente maior. Um lugar onde os indivíduos lutam por uma identidade projetada nos objetos fantasiados de arte.

As sutilezas da catástrofe social que vivemos sob a aparência de progresso estão nas entrelinhas. Isso recoloca a dificuldade de se desvendar as relações para além das aparências tanto na ficção quanto na realidade.

⁴ Na compra e venda não há senhores e escravos, ordem e obediência, mas apenas as pessoas livres e iguais do direito. Tanto faz se homem ou mulher ou criança, tanto faz se branco ou preto ou marrom - o cliente é bem-vindo em todas as circunstâncias. A esfera da troca de mercadorias é a esfera do respeito recíproco. Onde se realiza uma troca comercial de mercadoria e dinheiro não há violência. O sorriso burguês é sempre um sorriso de vendedor. (Kurz, 2005. s.p.) <http://www.obeco-online.org/rkurz187.htm>

Talvez em um discurso geográfico puramente acadêmico não se possa, sem alguma dificuldade de interlocução, dizer que “a vida é dura”, que “o homem é o Deus do conforto”, que “ele pensa estar feliz”; mesmo que a vida seja realmente dura; ainda que o capital represente a moderna fé e a mercadoria sua santidade; e que a felicidade seja negativamente representada no ter. Isso porque o produto moderno das ciências humanas pretenda-se neutro, imparcial. Mesmo que o pesquisador sinta o peso do mundo, esses elementos não podem arriscar a credibilidade de sua pesquisa. Porém, os sentimentos não deixam de existir por não estarem nos discursos hipoteticamente imparciais.

O mal-estar que determinada literatura ficcional pode nos apresentar sugere elementos importantes para a análise do real. Ainda que seja importante uma investigação sem fim sobre como lidar com a contradição da ficcionalidade do real e a forte influência deste naquilo que é considerado fictício. É certo que o encontro entre geografia e literatura não determina um discurso melhor acabado simplesmente pela soma de dois ou mais fragmentos da produção intelectual a que chamamos de interdisciplinaridade, mas o esforço de confrontar essas linguagens reconhecendo seus limites pode ser um caminho da crítica social.

Mas então, qual contribuição uma obra ficcional poderia dar para o debate geográfico acadêmico que lida com o real? Qual relação possível entre literatura e geografia enquanto parcelas do conhecimento moderno, resultado de uma sociabilidade cindida?⁵ E porque não utilizar a literatura, que algumas vezes têm como elemento criativo a própria crítica da realidade? Claudio Roberto Duarte considera essa esquiva, uma perda. Ele explica que

⁵ Robert Kurz em seu ensaio “A estética da modernização” explica a sociedade cindida a partir da submissão da vida à tautologia moderna: “na medida em que essa ‘valorização do valor’ (Karl Marx) ou maximização abstrata do ganho econômico empresarial, enquanto um fim em si em processo se cinde da vida, começa a surgir uma ‘esfera funcional’ separada e independente, como um corpo estranho na sociedade, que passa a ser central e dominadora. É a partir da existência deste setor cindido e ao mesmo tempo dominador que aparecem todos os outros aspectos restantes da reprodução social da economia capitalista como ‘subsistemas’ separados, em que todos têm, entretanto, sem exceção um mero significado secundário, subordinados ao fim em si econômico pressuposto.” (2004, p. 118) A partir dessa perspectiva, tanto a geografia bem como a literatura são parcelas secundárias subordinadas e reprodutoras da essência social posta historicamente.

a forte herança positivista da geografia “desviou-a do simbólico, do imaginário e do negativo no real” (2010, p.01).

Propomos esse diálogo, amparados na reflexão que o autor faz em sua tese de doutorado sobre a renovação dentro da geografia na década de 1960, quando “emerge a noção de que o espaço e a consciência do espaço são partes integrantes de uma totalidade social, de certa formação econômico-social em amplo sentido, tanto material quanto simbólica” (Duarte, 2010 p.01). Por outro lado, essa consciência do espaço não deixa de se constituir como um dos “subsistemas” moderno, que em nosso caso, contraditoriamente nos estimulou a questionar a própria ciência parcelar.

Esse amplo sentido de que fala Cláudio, pode também ser entendido tanto como a “totalidade concreta” (Scholz, 2010) enquanto elementos empíricos a serem estudados criticamente em seu nível abstrato, bem como a literatura enquanto possibilidade de apontamento crítico dos símbolos da sociedade moderna.

A ficção por vezes consegue sair da superfície em direção aos quatro cantos, seja ele lógico ou não, menos ou mais possível, menos ou mais real. Nesse sentido, a apropriação de uma obra literária para a reflexão acadêmica sobre o urbano, pode ir de encontro com uma proposta teórica do não contentamento com a pura descrição que analisa apenas a superfície. As “obras modernas lidam menos com o ‘real’ do que com a negatividade do real – do que resiste à percepção e ao conceito” (Duarte, 2010 p.2).

Essa possibilidade se amplifica justamente na literatura que lida com a negatividade das relações sociais o que começa a ganhar força, segundo Cláudio Roberto Duarte, com autores “como Flaubert, Baudelaire e Heine, que expõem a face mais sombria e mortífera da sociedade burguesa” (2010 p.4). Guardadas as proporções históricas dos autores citados enquanto clássicos e sem dar conta das diferenças e de uma análise literária pormenorizada, a literatura de Mutarelli tem essa característica de escapar às aparências.

E é essa possibilidade que a literatura tem de dialogar com a irrealidade do real que colabora com a crítica do “parecer ser” da sociabilidade moderna. Nesse sentido, quais recados presentes na aparência do moderno podemos decifrar? O que na metrópole, nos mostra sua lógica social? O primeiro momento, talvez seja o de perceber que os recados encontram-se em dimensão metafísica e não são facilmente mensuráveis.

Ainda considerando a diversidade de pontos de partida para se criticar o caráter totalizante da sociedade moderna, *OCR* chama atenção para o contraste que seu enredo catastrófico e insano cria ao observarmos a realidade que sobrevive graças a uma narrativa de esperança e progresso. A vida, que no mundo real aparece como ascensão qualitativa da técnica e de tudo aquilo que é moderno, pode ser lida na literatura e na obra de Mutarelli como crise, pois “a vida é dura” (*OCR*). No livro estudado essa crise se expressa nos indivíduos objetivados e dependentes de dinheiro, ao mesmo tempo em que nas mercadorias como condutoras da estória.

A relação crítica entre sujeito e objeto não aparece no cotidiano urbano, fica escamoteada pelo fetiche do sujeito que aparentemente conduz sua própria história. O discurso do primeiro mundo, do estado mais rico de um país, de um bairro mais nobre, servem ao processo de formação da consciência desenvolvimentista, que nos faz pensar que se não estamos bem, com muito trabalho um dia estaremos. Acredita-se que com boas reformas por nós conduzidas seremos um bairro, um estado, um país melhor. Apesar disso, a consciência fetichista em muitos momentos é fraturada por incômodos, por perturbações que de alguma maneira aparecem também na ficção. Sendo assim, faz-se necessário, a investigação das entrelinhas, das entranhas dessa sociedade que por definição lógica, e não por desvio, é catastrófica.

Para isso, procuramos dialogar com autores que criticam a perspectiva dos geógrafos cultural-humanistas que segundo Samarone Carvalho Marinho, buscam as “representações do espaço geográfico”, dando “à literatura o status unidirecional de enquadramento reflexivo-funcional (a

paisagem urbana na obra de determinado escritor, a paisagem rural na poética de determinado poeta etc.)” (2016, p.281). Nesse sentido, não estamos diante de uma tentativa interdisciplinar entre literatura e geografia como sugere Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro em *O mapa e a trama* (2007), pois se assim fosse, estaríamos reiterando o parcelamento disciplinar iluminista, o que seria um contra senso para uma análise que pretende se localizar criticamente frente às contradições das produções literárias, sejam elas acadêmicas ou ficcionais.

Em nossa pesquisa, a forma concreta urbana não é descartada, mas busca-se a compreensão de sua lógica abstrata. As alegorias de uma obra ficcional atingem de forma especial esta abstração. A ficção acessa de maneira ampla os absurdos da vida real, o que nos coloca uma celeuma sem fim sobre a relação da criatividade com a vida vivida.

Reconhecendo os limites de nossa leitura no campo da crítica literária, recorreremos a alguns ensaios sobre obras clássicas a fim de localizar paralelos que nos dessem suporte para a interpretação do romance de Mutarelli. No livro “O discurso e a cidade”, Antonio Cândido analisando o romance “Memórias de um sargento de milícias” nos ajuda a pensar um realismo literário que não dependa da descrição. Transpondo essa forma analítica para nosso caso, arriscamos uma perspectiva onde “O Cheiro do Ralo” não é “uma coleção de tipos curiosos e usos pitorescos” e nem um romance reduzido “a uma série de quadros descritivos dos costumes do tempo”, mas traz em profundidade “princípios constitutivos da sociedade, elemento oculto que age como totalizador dos aspectos parciais” (Candido, 2010, p.30,31).

Por tudo isso, a leitura de OCR foi acompanhada de um esforço para ir além da sinopse, assim como a análise dos lugares estudados tenta ultrapassar a simples descrição de sua superfície concreta. Há algo nas entrelinhas e nos subterrâneos. Karl Marx, no prefácio da primeira edição de *O capital*, sugere que é preciso abstração no estudo dos conteúdos que estão

por trás das formas (1988, p.18). Nesse sentido, o que pode estar para além da sinopse do romance e da praça enquanto superfície espacial concreta?

Para além deles, estão eles próprios. Porém, agora em suas dimensões abstratas. Ir além, não significa o desprendimento deles, mas tensionar suas contradições as quais compõem a unidade dialética concreto-abstrato.

O texto do primeiro livro de Mutarelli guarda forte influência dos quadrinhos que produziu. Seus próximos romances confirmariam um estilo que lida fortemente com a subjetividade dos personagens ao mesmo tempo em que aponta em qual relação essas pessoas vivem, o que nos permite uma leitura social da catástrofe que aparenta ser apenas individual. De maneira interessante incorpora a sociedade e suas perversidades em sua obra. No caso do primeiro romance (OCR), a narração feita em primeira pessoa, em ritmo próximo do vivido e com uma linguagem falada, colabora no diálogo da ficção com a realidade urbana paulistana, dando voz a um dos recantos de miséria (enquanto ausência de sentido da vida) do urbano. Esses elementos se aproximam da análise feita por Antônio Cândido quando chama a obra de João Antônio como “realismo feroz” que se distancia do realismo tradicional (2004, p. 126). A violência na linguagem que assim como em João Antônio, também aparece em OCR, pode ser associada

“à violência dos assuntos. Numa sociedade brutal como a nossa, onde as diferenças econômicas são máximas e é monstruosa a presença da miséria, rural e urbana, o escritor reage adotando quase iconicamente uma escrita adequada.” (Cândido, 2004, p. 126)

Além de reconhecermos que nem todo escritor reage, e que nem mesmo a reação garante com naturalidade a transformação social, os discursos elaborados tanto no campo da ciência, como na ficção lidam com

fragmentos da interpretação de uma totalidade inatingível, ainda mais quando consideramos o fundamento fetichista da sociedade moderna, formadora de seu próprio quadro crítico. No âmbito da elaboração de personagens fictícios, ainda que com lastros na realidade, Candido explica que

“o romance, ao abordar as personagens de modo fragmentário, nada mais faz do que retomar, no plano da técnica de caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes.”
(2011, p.58)

Por outro lado, Candido entende que o personagem fictício vem do autor e é recebido pelo leitor a partir de uma perspectiva mais coesa e de maior compreensão da totalidade quando comparado à realidade. Na ficção olhamos para um todo lógico impresso pelo escritor, apesar disso, não menos profundo do que a realidade, mas talvez menos complexo. Essa possibilidade de maior apreensão da totalidade de uma obra fictícia com elementos simbólicos do real, por outro lado, não deve nos afastar do que significa apreender a realidade sempre de forma parcial e limitada, ou seja, mesmo coeso, o romance não pode ser considerado um instrumento para desvendar de forma plena a realidade. Sua elaboração social como produto de uma realidade fragmentada deve também ser tencionada.

Nesse mesmo artigo, enquanto discute a coesão na criação de um romance, Antonio Candido tenciona com a tentativa de retirar esse personagem da realidade para tornar o romance mais verossímil. Ou seja, não é a realidade descrita que determina a relação da ficção com o real, mas fundamentalmente o encadeamento lógico da invenção que cria certa realidade e que, quando bem elaborada, faz importantes referências ao mundo real. Por isso, pensamos que a busca por referências diretas da realidade na ficção é arriscada. Candido diz que

“(...) o sentimento de realidade, depende, sob esse aspecto, da unificação do fragmentário pela organização do contexto. Essa organização é o elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida, calor e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos.” (2011, p. 80)

Nesse sentido é instigante pensar a ficção como tentativa de revelar uma coesão alegórica sobre a vida que não damos conta de apreender em suas múltiplas simultaneidades do que chamamos de realidade. Apesar disso, Candido nos alerta ao dizer que essa coesão é interna ao romance. É possível ainda, pensar que discursos coesos são também elaborados para explicar a realidade, o que nos coloca o desafio de atravessá-los pela crítica que aponte a impossibilidade de apreensão dessa totalidade.

Cláudio Roberto Duarte nos ajuda a pensar na potência que uma literatura pungente tem de “decifrar a realidade e as virtualidades da sociedade e do espaço modernos” e que, para, além disso, “cria um saber sobre a sociedade e o espaço-tempo que podem interessar aos geógrafos e a todos os leitores, mesmo lá onde a imaginação ficcional liberta-se do empírico e do imediato” (2010, p.2). Analisando a literatura de Kafka o autor ressalta que

a prosa de Kafka é feita de estilhaços imaginários micrológicos, como que arrancados da vida cotidiana moderna, só que muitas vezes ampliados por uma lupa: não o representam diretamente, mas o distorcem, o exageram, o alegorizam, levando ao extremo certa lógica social. Seu irrealismo é o outro oculto da realidade social das grandes cidades capitalistas. (Duarte, 2005, p.1)

No caso de *OCR*, os desvios frente ao que se espera da sociedade civilizada e que constroem uma atmosfera de aparente afastamento da realidade, ocorrem apenas à primeira vista. Elementos do seu ‘irrealismo’ podem ser encontrados no cotidiano banalizado de São Paulo, apenas encontram-se escondidos pela forma social capitalista que tem como característica transformar sua irracionalidade em razão positiva.

Mais do que isso, o lugar-síntese⁶ criado por Mutarelli se aproxima da “catástrofe do urbano”, como na análise de Cláudio Roberto Duarte tendo como referência a obra literária do escritor João Antônio. Por essa perspectiva, o cenário apresentado em *O Cheiro do Ralo*, particulariza “o colapso da modernização” (KURZ, 1996) que no caso do terceiro mundo ficou escamoteado no esperar pelo moderno. Mas como explica Robert Kurz, os prometidos mercados novos não se realizam e o que aqui chega não deixa de ser o moderno, porém seu negativo

“O terceiro mundo já passou pela parte essencial de seu colapso, ainda que a vida, depois de terminar a ‘normalidade’, continue de alguma maneira, em um nível cada vez mais miserável. Depois de realizar-se a catástrofe primitiva da reprodução social, trata-se por assim dizer, de sociedades pós-catastróficas, que somente estão ligadas à circulação sanguínea global do dinheiro por poucas veias muito finas” (KURZ, 1996, p.166-167).

À primeira vista, podemos considerar a loja ficcional de objetos usados da narrativa de Mutarelli como algo inexpressivo em termos globais, por outro lado, pode ser lida como uma das formas particulares da totalidade e que

⁶ Chamamos aqui de lugar-síntese o cenário minimalista criado pelo autor contendo poucos elementos da estrutura urbana e que remontam a um cotidiano redutivo. O personagem circula basicamente por três ambientes: o apartamento onde mora, sua loja de objetos usados e antiguidades e a lanchonete onde almoça mal. Essa síntese serve à nossa interpretação como a formação de uma atmosfera de pobreza enquanto experiência humana combinando com a decadência do protagonista.

simbolicamente se configura como uma “veia fina” da continuidade da vida miserável que transformou o inestimável em dinheiro, seja ele uma peça com história, de família, artesanal, seja de madeira nobre, de ouro, seja o próprio corpo. De forma irônica e negativa, Mutarelli expõe a miséria que o mundo de coisas que criamos guarda.

“Ele entrou. Trazia um faqueiro.”

“Ela entra. Ela treme.

Ela não olha em meus olhos.

Nas mãos um porta-jóias.”

“Ele entra. Coloca o violino em minha mesa.”

“Ela entra chorando.”

“Ele entra. Um raro livro.”

“Ele entra. Traz um olho de vidro nas mãos.”

“Ele entra. Traz um maço de cigarros, vazio”

“Esse gramafone tem história.”

“Esse violino deve ter história, chuto.”

“Esse olho já viu de tudo. Esse olho tem história.”

“É história pra lá e pra cá.”

“Ele sai.”

“Eu preciso ir. Vai, vai.”

“Ela vai.”

“Da hora. Ela sai.”

“E então ninguém entra nem sai”

(OCR)

Apesar do diálogo entre a geografia crítica e literatura negativa ser verdadeiramente estimulante, há de se ponderar e considerar as contradições desses discursos que não deixam de ser insuficientes quando unidos, pois partindo de outra perspectiva, são produto da cisão de uma sociabilidade que se repõe independente dos contrários. Renata Santos Rente, em sua dissertação de mestrado, propõe uma leitura crítica do “Grande Sertão Veredas”, de Guimarães Rosa, onde não se furta da sua própria condição contraditória de pesquisadora, nem mesmo tenta salvar a literatura como autônoma e detentora de uma subjetividade iluminada.

Ao reconhecermos a historicidade das práticas de representações sociais, não separadas das outras práticas sociais, estamos considerando que essas representações não se realizam apenas como projeção ideológica. Isso implica pensarmos que a prática social é quem engendra a representação porque é mediada por uma forma ao mesmo tempo concreta e abstrata. (Rente, 2013, p.12)

Preocupada em pensar a ciência e a literatura como discursos cindidos, se propõe a “expor as contradições do processo histórico que determina as condições sociais de produção desses discursos” (Rente, 2013, p.4), que apesar da aparente autonomia, respondem a uma consciência moderna e, portanto fetichista.

A autora destaca que apesar de parecer natural enquanto componente da aparente evolução do conhecimento humano, não se pode perder de vista que o discurso acadêmico faz parte da história recente e, portanto moderno (Rente, 2013, p.5). Posto isso, uma crítica que se pretenda radical frente ao fetichismo da forma social moderna, deve reconhecer os limites da contradição de se produzir um texto inserido em uma dinâmica social que é o próprio objeto de crítica. Em sua dissertação, a autora critica a “primazia da

subjetividade” utilizada nas análises sobre arte e cultura. Aparece como pressuposto, com status de natureza humana. Concordando com essa perspectiva, consideramos importante a análise da real sociabilidade que dá suporte histórico para a criação dos discursos fictícios.

Rente dialoga criticamente com autores que defendem uma perspectiva cultural da geografia e que vêem na tentativa interdisciplinar da literatura com a geografia uma superação de uma geografia que eles consideram economicista. A crítica do valor e da cisão rebate esse pensamento ao apontar que a análise não deve partir da cultura, mas justamente criticá-la enquanto produto cindido moderno.

“Essa foi a primeira degradação da cultura na modernidade: ela se transformou num assunto pouco sério, num simples “momento de descanso”. Mas tão logo o capitalismo dominou integralmente a reprodução material, seu apetite insaciável estendeu-se também às configurações imateriais da vida e, na medida do possível, começou a recolher peça por peça os âmbitos dissociados e submetê-los à sua peculiar racionalidade empresarial. Essa foi a segunda degradação da cultura: ela própria foi industrializada.” (kurz, 1998. s.p.)

Portanto, não se trata de tentar salvar uma geografia economicista, mas de se apropriar de seu aporte crítico para reconhecer a vida subjugada a uma relação social que apenas aceita a reprodução dessa vida se for rentável. A crise imanente do capital não desperdiça nenhuma migalha, independente do discurso acadêmico que produzimos.

Outro ponto importante de sua dissertação é sobre a suposta autonomia da literatura que seria capaz de contrapor a história dando margem para dois aspectos: o da autonomia da arte e a história como discurso da verdade. Nenhum, nem outro. Nesse sentido, talvez uma forma

honesto seja reconhecer o limite desses discursos ao mesmo tempo em que nos apropriamos deles. No caso da literatura negativa, como sugere Cláudio Duarte, podemos experimentar essa contradição negando o uso positivo dos discursos.

A perspectiva que considera uma literatura como negativa nos interessa enquanto uma espécie de fagulha da crítica aos discursos positivos, considerando uma soma sem fim de textos que apenas afagam nossa realidade. Nesse sentido, a literatura negativa pode ser aquela que nos provoca a pensar o obscuro de nossa relação social. Seja no campo acadêmico da geografia ou da literatura ficcional há de se construir uma crítica que contraditoriamente consuma essas produções ao mesmo tempo em que as negue enquanto cisões modernas.

Parte II

1. A Realidade Ficcional em “O cheiro do ralo”

*“Há realidades que só a ficção suporta.
Precisam ser inventadas para ser contadas”*

Eliane Brun

*“Desculpe o cheiro.
Tá brabo.
É. É cheiro de merda. Vem do ralo.
É merda pura.
É, vem do ralo do banheirinho.”
(OCR, p.114)*

Mas afinal, que cheiro é esse?

Nas releituras da obra literária aqui analisada nos deparamos com provocações importantes para o âmbito do debate teórico sobre a sociedade, pois o autor nos entrega em tempo real, substância para pensar a atualidade. De forma não linear nos apresenta o colapso social personificado nos indivíduos participantes, que em nossa leitura apontam para a sociabilidade que não tem outro sentido se não o de produzir e realizar mercadorias. Considerando as múltiplas possibilidades de interpretação, seu enredo pode ser lido sem sentido aparente, mas com um latente: estampar o mundo da “imensa coleção de mercadorias” (MARX, 1988, p.45). Por isso, pode ser interpretado como produto e anunciante da catástrofe, resultado dessa ausência de sentido.

“Pouco a pouco em coisa me torno. Não sei se pego no sono, ou se é ele que toca em mim. Desligando do mundo engrenagem, onde todos se movem por mover” (OCR, p.137)

Escritor paulistano, Lourenço Mutarelli escreve em apenas 5 dias *OCR* como o primeiro romance após se dedicar por cerca de 20 anos às histórias em quadrinhos underground. Característica que será mantida em seus romances.

Damásio Marques da Silva, em sua dissertação de mestrado onde discute a literatura marginal em meio à crítica literária do “O Cheiro do Ralo”, diz que a marginalidade da obra de Mutarelli “se dá não pela condição marginalizada do produtor, mas pela exclusão causada pelo ‘mal-estar’ próprio da estética underground.”, onde, “underground é um movimento à margem, que nunca aparece como obra oficial e representa as artes ligadas à contracultura (...) É da margem inferior que o underground vê a cultura oficial.” (2014, p. 14)

Segundo o autor, incluindo as produções de fanzines, quadrinhos e romances,

“Toda a obra mutarelliana apresenta-se sob a estética do underground, que diferentemente do fenômeno da Literatura Marginal, seu processo de exclusão literária se dá por sua posição em relação ao cânone, pela utilização da estética do grotesco e da linguagem popular, das ruas (...)” (2014, p.15)

O grotesco nos interessa aqui como uma estratégia de escrita interessante na comparação entre os personagens inventados e os sujeitos de nossa realidade. Na invenção do grotesco, parece termos a chance de encontrar uma espécie de sinceridade, considerando o grotesco escamoteado em nossa abstração real. O instrumento da ironia ficcional parece rir de nossa real dissimulação.

Mantendo a linha das histórias em quadrinhos considerada como estranha pelo senso comum, em *OCR* o autor imprime ficcionalmente, através da “estética do grotesco”, indícios do colapso real da sociedade moderna, com diálogos curtos e precisos, além dos pensamentos sinceramente imorais

do protagonista. A acidez do pequeno livro permite grande número de rupturas sobre um véu social que só pode ser transpassado (mesmo que ainda de forma insuficiente) com muita voracidade do pensamento. Em entrevista com o autor, ele fala sobre a linha tênue entre realidade e ficção.

A memória é ficção, a memória muda. A própria realidade é muito ficcional. Eu gosto de transformar em metáfora alguma coisa que vivi. Eu gosto muito de uma coisa que eu chamava de “ir além”, de coisas que eu vivia até um ponto do absurdo e alguma coisa me parava e eu dizia: não isso é um delírio. E na literatura eu gosto de pegar esse delírio como real e ir seguindo a possibilidade de ver até onde vai esse delírio... isso por causa dessa coisa volátil que é a realidade. (Lourenço Mutarelli)

No artigo “A personagem do Romance’, Antonio Candido diz que

“uma das grandes fontes para o estudo da gênese das personagens são as declarações do romancista; no entanto é preciso considerá-las com precauções (...) convém notar que por vezes é ilusória a declaração de um criador a respeito da sua própria criação.” (2011, p. 69)

É certo que não daremos conta desse debate nesse estudo inicial, mas apesar das contradições de todos os discursos envolvidos, o do autor, o da ficção e o da ciência, consideramos importante a aproximação do pesquisador com o autor aproveitando a contemporaneidade. Uma das características relevantes das entrevistas e conversas feitas com Mutarelli é ter conhecido um escritor que declaradamente usa em suas produções, elementos de sua experiência com o mundo como disparadores da criação.

Apesar da proximidade com o autor e de grande estímulo para se produzir uma crítica social a partir de uma ficção que provoca o estranhamento sobre o mundo, há de se ponderar sobre o limite desse objeto enquanto ficção. O autor não escreve sobre o colapso da relação social que tentamos tematizar a partir da geografia. Cria uma estória onde personagens irreais experimentam relações que reconhecemos na abstração real, seja como escritor, geógrafo, ou comerciante. Na sociedade em que a sobrevivência é determinada pela troca, a qualquer momento, tanto o geógrafo quanto o escritor, por necessidade real de sobrevivência, podem ter que abrir mão de suas atividades para trocar objetos de suas casas por comida. Em um dos trechos da entrevista, Mutarelli conta sobre a necessidade de se desfazer de algumas coleções de quadrinhos de seu pai para pagar o aluguel. Portanto, tanto na ficção quanto na realidade, é deste mundo e sua sociabilidade que se fala.

O corte narrativo do livro nos parece importante. O narrador protagonista intercala o movimento concreto da troca das mercadorias na loja, com seus pensamentos.

“(...) Eu preciso ir. Gostei de ver o seu olho.

É legal não é?

Da hora. Ela sai.

Ele entra. Nas mãos um ancinho. Esse ancinho tem história. Chuto, tanto. Ele aceita. Conta nota por nota. Três vezes.

Quer ver uma coisa?

O que?

Mostro. Ele pula para trás.

Era do meu pai.

Cruz credo! se benze.

Cruz credo! Ave Maria!

Ele sai apressado.

Olho no olho. É perfeito. É preciso. É o olho do cu.

Vou levá-lo para ver a bunda, aí ele vai ter visto de tudo.

Hoje o dia está cheio.

—

O ralo engole tudo.

Agora é esperar para secar.

Hoje nem deu para almoçar.

Ele entra. Quer ver uma coisa?”

(OCR, p. 33)

O primeiro movimento do enredo faz referência direta ao que podemos encontrar na cidade real com muita facilidade, que são pessoas enquanto produto da crise capitalista, humilhadas a ter que vender seus pertences em um momento de crise monetária individual. O segundo movimento narrativo vai na contramão do discurso construído pelos comerciantes reais, que em sua maioria, trabalham dentro de uma moralidade convincente do “sorriso burguês” (Kurz, 2005). No romance, o protagonista apresenta seus pensamentos perversos e os coloca em prática quando menospreza completamente quem está na sua frente. O entra e sai de “sujeitos-dinheiro sem dinheiro” (Kurz, 1996) acontece em ritmo muito acelerado e talvez seja o elemento que cadencia a leitura. Não ao acaso, no mundo onde o geógrafo e o escritor vivem, uma parcela reveladora da população mundial encontra-se nesse ir e vir miserável. Robert Kurz escreve em 1991 sobre o “colapso da modernização” e sobre a crise do trabalho:

“O que hoje faz sofrer as massas do Terceiro mundo não é a provada exploração capitalista de seu trabalho produtivo, conforme

continua acreditando, de acordo com a tradição, a esquerda, mas sim, ao contrário, a ausência dessa exploração. Por isso, também não pode haver nesses países uma reforma social-democrata burguesa. Ninguém "precisa" da grande maioria dessas massas desarraigadas, levando esta parte uma vida miserável e improdutiva fora de qualquer estrutura de reprodução coerente." (Kurz, 1996. p. 194-195)

A crise internacional e imanente da sociedade produtora de mercadorias, além de ciência e tecnologia como ilusória solução de problemas, produz trabalhadores sem trabalho e sujeitos monetarizados sem dinheiro:

"A maioria da população mundial já consiste hoje, portanto, em sujeitos-dinheiro sem dinheiro, em pessoas que não se encaixam em nenhuma forma de organização social, nem na pré-capitalista nem na capitalista, e muito menos na pós-capitalista, sendo forçadas a viver num leprosário social que já compreende a maior parte do planeta." (Kurz, 1996, p. 1995)

A cada esquina, o desenvolvimento das forças produtivas coloca nas ruas sujeitos sujeitados como andarilhos urbanos em busca de troca do que for possível, para acessar alguma migalha global⁷.

A cada três páginas de diálogos curtos, cerca de duas ou três pessoas passam pela loja. Algumas saem com negócio feito a fim de custear algumas horas de sobrevivência e outras, mais deprimidas do que quando entraram por saírem de uma negociação fracassada e violenta. O critério de compra do

⁷ Durante os trabalhos de campo, em uma das lojas de usados visitadas, localizada na Baixada do Glicério em São Paulo, durante uma entrevista, um homem descalço oferece seu par de havaianas ao lojista. Após a negociação, o comerciante complementa dizendo que assim que ele puder, ele volta para comprar um par de chinelos usados.

protagonista escapa daquilo que seria racional para o âmbito dos negócios. Não parece comprar pelo potencial de uma boa venda, mas apenas para a construção do domínio da situação. No âmbito da estratégia criativa, Mutarelli coloca o protagonista como detentor do dinheiro para que possa se constituir como condutor da estória.

Seus pensamentos organizam um sentido para um comportamento aparentemente desconectado com o mercado. Em avaliação psicanalítica ele estaria doente, ao menos nesta fase final da vida retratada pelo autor. É como se o romance começasse pelo início do fim. Pelo início do colapso individual do protagonista. Talvez isso explique esse desprendimento frente aos negócios. É importante para nossa análise pensar nas outras fases da vida do protagonista que não foram registradas pelo autor. Fica implícito, pela lógica do comércio e da acumulação, que o protagonista, antes de sucumbir, acumula capital através da miséria alheia e da exploração de mão de obra, ainda que em pequena quantidade. Fazemos este exercício a fim de contextualizar essa insanidade do protagonista que apesar de ser produto social, participa da história exercendo seu poder pela acumulação. Se reconhecemos que nossa sociabilidade produz distúrbios psíquicos, temos ainda assim, que reconhecer que os loucos vivem de maneira substancialmente diferente, dependendo de suas posições sociais. Nesse momento nos interessa a potência que tem essa ficção ao apontar nossa trágica sociabilidade mediada pela mercadoria e que no limite, adoece a todos.

Nesse sentido, a loucura do protagonista deve ser socialmente contextualizada. Antes de pirar, negociou, comprou barato, vendeu caro, mentiu, explorou trabalho, lidou de forma eficiente com a lógica da circulação de mercadorias. Enlouqueceu participando ativamente do adoecimento de centenas de outras pessoas.

Dois funcionários participam periféricamente da trama em sua loja. Uma recepcionista completamente sobressalente compondo apenas o contexto de domínio e servidão em uma relação tipicamente patriarcal e um

segurança que ajuda a fazer uma seleção prévia do que deve entrar para ser negociado. Essa composição muda no final do livro.

O romance se passa em três cenários: a loja, um bar e a casa do protagonista que é o dono da loja e circula pelos outros dois ambientes tão fugazmente como os objetos que entram e saem de sua loja. Não existe tranquilidade no romance, mas um movimento perturbado de coisas, gente e pensamentos do protagonista que também é o narrador.

Dos três, o mais evidenciado pela quantidade dos acontecimentos é a loja de antiguidades e usados, cenário de convergência entre os personagens e as mercadorias, do fluxo de personagens-mercadoria ou de mercadorias-personagem. É nesse cenário que as coisas conduzem a estória, enquanto as pessoas parecem ser carregadas por elas. Carregadas pela necessidade de comer, morar ou pela necessidade de lucrar, colocadas sob a lógica do trabalho em suas diferentes perspectivas. A relação social apresentada pela materialidade da loja, simboliza a abstração da sociedade produtora de mercadorias, portanto se caracteriza como forma particular da expressão totalitária dessa forma social. É como uma síntese, onde o ser humano é coadjuvante e a única função do local (em analogia ao nosso cotidiano urbano) é a troca. Ali as diferenças entre as materialidades dos objetos podem ser equiparadas pelo que Marx considera como o terceiro elemento da relação capitalista: a igualdade dos diferentes, onde o valor de uso das coisas é o portador material do valor de troca (MARX, 1988:46). Porém, vale ressaltar as diferenças particulares nesse cenário, pois as mercadorias usadas e antigas já foram realizadas como valor no passado. Agora, ressuscitam em um movimento descolado da produção, mas ainda assim, subjugado ao detentor de capital que usa essas mercadorias para lucrar.

A loja funciona como a concentração das mentiras ligadas à troca. É o falso movimento das coisas pelo seu “valor” intrínseco; é o ponto de encontro das histórias fetichistas das mercadorias. Nesse sentido, teria tudo para se configurar o lugar do encontro, uma espécie de templo das possibilidades para aliviar as dificuldades com a troca de coisas por dinheiro. Mas é nesse

ambiente que o autor cria o lugar do reconhecimento de que “*a vida é dura*”; é o lugar do minguar do protagonista que além da íntima relação com o ralo – portal do inferno – reconhece que nunca amou ninguém, desfaz um casamento, percebe um amargor na boca, reconhece a morte de sua sensibilidade ao longo de anos tirando vantagem e enganando para lucrar.

“O cheiro de merda.

Vem do ralo.

O cheiro do ralo.

Sinto um estranho prazer ao dizer isso.” (OCR, p. 64)

Mutarelli constrói em texto o que poderia ser lido alegoricamente como uma representação negativa da sociedade burladora do colapso. Nos mostra isso ao despir de moral (o que lembra a ausência de moral póstumas de Brás Cubas, só que neste caso, em vida) um protagonista que página a página retira todas as possíveis artificialidades das relações sociais e desnoiva com os convites na gráfica; se alivia com o sofrimento alheio; não atende mais a mãe; não se importa mais com os limites entre a verdade e a mentira, passando a criar uma vida que não teve, um pai que não teve; anuncia o fim de seus olhos para dar o dom do registro e da memória à um olho de vidro que compra; percebe a ausência de sentido em comprar, ter; percebe a ausência de sentido de sua vida; deitado no chão, se confessa e dialoga sinceramente com um ralo; passa a ser guiado por seu desejo vazio, a bunda de uma mulher; e por fim reconhece sua inexpressividade no encontro do ralo com a bunda. Em nossa perspectiva, o revelar-se ficcional, nesses termos, passa a ser a revelação do mundo positivo e fictício em que vivemos.

“Rastejo até o banheirinho. Tiro a toalha do ralo. Cheiro, cheiro, cheiro.”
(OCR, p. 99)

*

*“Chego ao fim
Nem me importo com ela.
Eu nunca gostei de ninguém.
E aí ela me beija.
Foi gostoso? Pergunta.
Foi.” (OCR, p.136)*

*

“O jornal repete o atentado que eu mesmo fiz” (OCR, p. 14)

Tendo a mercadoria como mediadora da trama, o romance dá às coisas importância central, ao mesmo tempo em que revela a inutilidade dos objetos que orbitam os personagens. Para isso, cria um ritmo que é marcado pelo grande número de mercadorias envolvidas em curto espaço de tempo. É uma atmosfera sufocante pela velocidade, pela quantidade, pela ausência de sentido e pelo cheiro fétido que sai do ralo entupido no banheiro da loja. O trecho a seguir sintetiza esse ritmo.

*“Ele entra, ele rasga dinheiro.
Ele entra e sai carregando uma coisa pesada.
Ele entre com as mãos ocupadas.
E eu cuido de me esvaziar.
Ele entra tal qual um relógio.
Outro entra igual um martelo.
É relógio, alfinete, é faca.
É abajur, é enxada, é pá.
É ouro, é prata, é ferro.
É história pra lá e pra cá.
É sanfona, é imagem, é tela.
Porcelana chinesa ou barata.
É o cheiro, é a merda, é o pai.
É navalha, é livro, é não sei o que mais.
É isso, é aquilo.*

*É moeda, é bordado com um ponto falso.
É auto retrato, é baixo relevo.
É por grama, é por quilo.
É tesouro, é tesoura, é o diabo.
É guarda-chuva, é sombrinha.
É tudo, é nada.
É utensílio de cozinha ou de quarto.
É madeira, é de pinho é de lei.
É a vida, é dura, é fato.
É verdade, é mentira, é boato.
É cabide, é bidê, é o fim do caminho.
É pau, é pedra.
É farinha, é pó, é o talco.
É o senhor, é você, é obrigado.
É coisa nenhuma, é o caralho a quatro.
É de novo, é outra vez.
É um ciclo, é compasso.
É chinelo, é sapato, é sandália.
É pescador, é mercador, é engraxate.
É tintureiro, é vagabundo.
É óculos de tartaruga, é pé de pato
É coisa nova, é coisa velha, é semi usado.
É charuto cubano, é o vazio da caixa.
É uma cena, é um filme, é um ato.
É grifo, é garfo.
É maciço, é oco.
É elástico, é borracha, é plástico.
É o pé do coelho, é a boca do sapo.
É um jogo ou é só a partida.
É o azar, é a sorte.
É a porta que bate”
(OCR, p.138-139)*

O romance tem esse movimento. Um fluxo de pessoas entrando e saindo de uma loja, carregando e carregadas por coisas. O passar do tempo do enredo não amarra cronologicamente as relações pessoais. A impressão que fica é que os cortes e as passagens que montam o romance são determinados por esse entrar e sair de coisas e pessoas. Nesse sentido, o desenrolar da trama não parece complexificar ao longo do tempo as relações entre as personagens como em um romance tradicional, pelo contrário, essas relações são implodidas com o passar do tempo. Talvez seja apenas essa a função do passar do tempo no texto, desconstruir. Pode ser lida como uma narrativa sobre o colapso, pautada nas relações mediadas pelo dinheiro.

O protagonista é o narrador da trama e a representação do colapso. Isso se mostra quando sua boca amarga enquanto explica a todos que entram na loja que o cheiro que ali se sente é do ralo. De fato os ralos cheiram mal. Mas Mutarelli propõe um ralo que está em pleno retorno simbólico, como um portal, frente a toda “merda” que recebe. Esse ralo é interpretado pelo protagonista como a portal do inferno. Talvez o cheiro do ralo seja o nosso cheiro, é o retorno de nós para nós, é a analogia do mal-estar, que em nossa interpretação, é social.

*“Os ralos, e todos esses canos,
parecem apenas um lugar para onde os dejetos e a água vão.
Mas não são. Esses buracos são na verdade outra coisa.
Ah é? e o que são?
São portais.
São os portais do inferno. E é por eles que nos observam.”
(OCR, p. 64)*

Mas o esforço da sociedade real é inverso. É o da aparência. Do parecer ser. É a ideia iluminista de progresso em direção à ascensão e do sucesso eminente. O ralo social e seu real retorno é sistematicamente

negligenciado. Em uma espécie de contra-discurso, com frases curtas, Mutarelli parece romper com o otimismo forçado burguês.

“Ele pensa estar feliz” (OCR, p.15)

*

“A conversa é o material de precisão do meu ramo.

A conversa é o meu compasso.

Com a conversa eu desenho o meu mundo.” (OCR, p. 83)

*

“O segurança não tem escolha.

O segurança ganha mal. Eu sei.

Sou eu quem lhe paga o salário.” (OCR, p. 59)

A primeira cena do enredo é a de um homem que entra na loja para vender um relógio, passagem que apresenta de saída dois elementos importantes para se pensar o livro como um todo. O primeiro é sobre a história que o vendedor conta na tentativa de construir uma importância para seu objeto. Entrou dizendo que o relógio pertenceu ao sábio Soran que ao mesmo tempo era um anagrama e que de forma misteriosa a peça havia chegado a suas mãos por um arqueólogo. Esse modelo de histórias místicas e inventadas que tem como função potencializar a venda, aparecerá em diversos momentos do romance e indica o tipo de relação que está colocada na loja de antiguidades e objetos usados. Quanto mais consistente for a história maior o preço do objeto, independente do uso, de suas qualidades materiais e muito menos de suas condições históricas de produção. São peças que em outro tempo realizaram-se como mercadorias e que agora são resgatadas pela crise dos “sujeitos-dinheiro sem dinheiro”.

O segundo elemento é que na mesma passagem, o mesmo vendedor diz que apesar do relógio ser uma peça de “valor inestimável”, ele poderia fazer um bom preço. O que está em jogo aqui é que a miserabilidade da vida

mediada pelo dinheiro faz com que qualquer coisa produzida nesta forma social, material ou não, fictícia ou não, pode ser precificada. Ou seja, a troca e a circulação de capital são capazes até mesmo de estimar em preço o inestimável.

“Depois da história toda ele concluiu que apesar do valor inestimável ele poderia me fazer por um preço especial.” (O.C.R. p.10)

O protagonista se alimenta dia após dia do seu sarcasmo e de lanches em uma lanchonete próxima à loja. Na hora do almoço mal come o lanche que detesta, apenas para dar conta de sua obsessão em olhar para a bunda da balconista. Sem nenhuma intenção em conhecer a moça, ele apenas a deseja compulsivamente, ao mesmo tempo em que rejeita qualquer possibilidade de relação. Para isso, tem como solução o consumo. Mais a frente fará a proposta de pagar para olhar para sua bunda por alguns instantes. Essa proposta, ao longo do enredo, provocará uma ruptura e profunda tristeza por parte da mulher, que por fim, em mais um anúncio da miséria, desempregada, sucumbe e aceita⁸.

“Se essa bunda se essa bunda fosse minha”

*

“Eu pagaria para ver a sua bunda.”

*

“Então é essa a tua tara? Diz? É essa a tua fantasia?”

Não. Essa é minha realidade.” (OCR, p.43)

⁸ A obsessão pela bunda não é periférica no romance, muito menos pouco importante para pensar a sociedade urbana. E por isso, deve ser objeto de crítica. Porém, dada à dimensão e proposta deste texto, não daremos conta desse debate. Apenas apontamos essa necessidade reafirmada quando lemos Roswitha Scholz, em seu ensaio “O valor é o homem”, onde explica que “quanto mais coisificadas as relações humanas se apresentam, e portanto quanto mais desenvolvida for a relação de valor patriarcal e a-subjetiva, mais nítidas despontam as cisões patriarcais, que hoje já não se alinham, com a mesma evidência de antes, ao relacionamento homem-mulher.” (1996, p. 29)

O sarcasmo, os lanches mal digeridos, as noites mal dormidas, a solidão, montam um percurso de colapso aparentemente individual e patológico. Depois do trabalho, o protagonista volta para casa e no desenrolar da trama desfaz seu noivado com “os convites na gráfica” com o argumento de que não ama ninguém, nunca amou. O processo de se desconectar socialmente se estende a sua mãe, ao ponto de não mais atender suas ligações e recados. Mais a frente sua faxineira também vai embora, sem nem mesmo pedir as contas. A recepcionista da loja desaparece sem uma palavra. Aos poucos constrói uma solidão cada vez mais profunda e deprimente. Em determinado momento, diz para a ex-noiva enquanto falava sobre sua mãe:

“Eu não gosto de ligar para ela. Eu não gosto dela. Eu não gosto de você.

Eu não gosto de ninguém.

Vocês mostram o que tem, eu digo se interessa e quanto vale

(...) eu não me importo com ninguém.

Só não quero que eles pensem que o cheiro do ralo é meu.” (OCR, p. 17)

As relações são substituídas por obsessões. A que dá nome ao romance é a de dizer para todos que entram na loja que o cheiro de merda não é dele, mas do ralo. A bunda é seu objeto de desejo, separado da mulher. Outra repetição que marca um ritmo no enredo é quando diz que “a vida é dura”, frase que ouviu do vendedor do relógio, enquanto saía dizendo que ele acabara de perder uma grande oportunidade. Essa frase se repete e dá tom ao enredo. Um dos objetos que compra, um olho de vidro ganha importância na repetição como observador do seu mundo e suas obsessões. Além disso, quando está em casa, está em frente à TV. Relação que revela (pelo próprio narrador) o lixo produzido para a alienação.

O ralo e a bunda acabam se cruzando no final como elementos simbólicos da negatividade de sua vida que se esvai aos poucos. O único

contraponto talvez seja mesmo a caixinha de charutos onde guarda o dinheiro e que entra em cena tanto para finalizar conversas, bem como para alimentar as conversas. Tudo parece ser negociável, menos o seu fim.

A bunda, simbolicamente representa de forma violenta a essência do não ter, é a ausência do sentido que ele busca em desventura, enquanto o poder que o dinheiro lhe dá frente ao amontoado de coisas que ele compra representa a aparência do tudo ter. Apesar do real esvaziamento de sentido, um aparente sentido é ilustrado em uma passagem em que distribui dinheiro em uma farra tresloucada.

Mesmo quando esbanja consumo, vive uma alegria insana, um disfarce que sempre acaba em agonia. É a contradição do ter e não ter, do desejo e da frustração, da satisfação que carrega consigo a insatisfação (Lefebvre, 1991).

“A bunda é, e sempre foi, o desejo, a busca de tentar alcançar o inatingível. Esta bunda era, enquanto impossível, enquanto alheia, o contraponto do ralo. Mas o que eu realmente buscava não estava ali. Nem tão pouco em outro lugar.

O que eu buscava, era só a busca.

Era só o buscar.

E por isso agora já não há mais desejo, só cansaço. Só o vazio.

Só a certeza do incerto” (O.C.R.: 134)

Em seu livro “A vida cotidiana no mundo moderno”, Henri Lefebvre no momento em que fala sobre a importância do estudo da “cotidianidade” para perguntar o “porque as pessoas ‘que estão bem de vida’ se precipitam sobre as antiguidades, sobre os móveis de estilo?” (Lefebvre, 1991, p. 86), discute que “o fim, o objetivo, a legitimação oficial dessa sociedade é a *satisfação*.” (Lefebvre, 1991, p. 89)

“Em que consiste a satisfação? Em uma saturação tão rápida quanto possível (quanto às necessidades que podem ser pagas). A necessidade se compara a um vazio, mas bem definido, a um oco bem delimitado. O consumo e o consumidor enchem esse vazio, ocupam esse oco. É a saturação. Logo que atingida, a satisfação é solicitada pelos mesmos dispositivos que engendraram a saturação. Para que a necessidade se torne rentável, é estimulada de novo, mas de maneira um pouquinho diferente. As necessidades oscilam entre a satisfação e a insatisfação, provocadas pelas mesmas manipulações.” (Lefebvre, 1991, p.89)

Entendemos a importância dessa passagem para pensar sobre as estratégias que a sociedade produtora de mercadorias, através dos sujeitos personificados, lança mão a fim de lidar com o contraditório dessa relação social que amplia sua crise na mesma proporção em que se desenvolve para produzir de forma mais rápida, uma maior quantidade e variedade de desnecessidades⁹. No desespero em mobilizar capital e de encontrar algum sentido subjetivo em viver rodeado de objetos, encaixa-se o discurso das peças raras, da unicidade, da história das coisas e da satisfação negativa.

“A sociedade burocrática de consumo dirigido” (Lefebvre, 1991) é teorizada ao mesmo tempo em que vivida:

“Uma coisa que tem no livro e que eu já experimentei algumas vezes: uma coisa que você deseja demais, um objeto e você compra e a partir do momento que tem, some. É o querer. É ótimo, mas a partir do momento que você compra...” (Mutarelli em entrevista)

⁹ “Há uma concepção ingênua, porém sensata, sobre a produtividade: quanto mais ela cresce, assim pensa o sã raciocínio humano, mais alívio traz à vida em comum. A maior produtividade permite mais bens com menos trabalho. Não é maravilhoso? Em nossa época, no entanto, parece que o aumento da produtividade, além de criar uma quantidade exagerada de bens, resultou numa avalanche de desemprego e de miséria .” (Kurz, 1996, p.)

A literatura ficcional compartilha dessa realidade

“E assim, mais uma coisa a bunda se torna.

Como tudo, como as coisas que tranco na sala ao lado.” (OCR, p. 136)

“O olho vai perdendo o encanto. Como tudo o que adquirimos. Tudo se incorpora ao todo, e é então que o encanto desfaz.” (OCR, p. 54)

Em meio ao caos mental do protagonista e uma relação social baseada na violência da troca, ao longo do texto, Mutarelli faz diversas citações de literatura, artes plásticas e música; elementos que compõe sua formação como escritor. Uma das passagens bastante significativa e que dialoga com nossa problematização, é a citação que faz de Jorge Luis Borges, na qual sintetiza de forma cirúrgica o motivo dos objetos como contradição de uma sociedade esvaziada de sentido agarrada em sua única possibilidade que é o vir a ser. Além disso, demonstra a força que um texto não acadêmico pode ter em apresentar uma lógica social que para além de suas objetividades, atravessa o sentimento de quem vive nessa sociedade.

“Borges fala de um quadro que um pintor lhe prometera.

Mas esse tal pintor morre antes de realizar a promessa.

E então Borges disseca o eterno e a promessa.

Ele diz que o quadro já tinha um lugar pré-fixado, que não ocupou.

Borges segue pensando no quadro e no homem perdidos.

Borges diz que só os deuses poderiam prometer, porque são imortais.

Depois, reflete, que se o quadro tivesse, com o tempo ele seria algo mais, uma coisa.

Uma vaidade.

Mas, sigo Borges, ao não ter, o quadro se torna incessante, ilimitado.

O quadro que não existe é capaz de qualquer forma ou cor.

E de alguma forma ele existe. Vivo. E continuará a viver, e se expandir.

Incessante.

Borges conclui que há na promessa algo imortal.” (OCR, p. 136)

Como uma das referências do autor, a ideia de Borges colaborou na construção desse aspecto contraditório do personagem:

“De todas as coisas que tive, as que mais me valeram, das que mais sinto falta, são as coisas que não se pode tocar. São as coisas que não estão ao alcance de nossas mãos. São as coisas que não fazem parte do mundo da matéria.” (O C. R., p. 89)

Os objetos têm realmente um papel central na trama. Até mesmo quando o protagonista está em sua casa, em muitos momentos, sua sequência de pensamentos é sobre as coisas que o cercam. Apesar de aparentemente descritivo, o texto tem a força de revelar o vazio sentido pelo personagem frente a um cotidiano idiotizante amontoado de mercadorias.

*“Me pego olhando uma jarra de um suco que eu mesmo fiz.
Fecho a geladeira.
Ligo a TV.
Imagino uma série de coisas. Misturadas ao que a TV diz.
No 80 são três se pegando, naquela velha coreografia de filme pornô.
No Discovery um monstrengo assustado.
A série americana já vem com risadas.
No Cartoon um desenho que vi quando era criança.
No teto uma lâmpada desatarraxada.
No sofá minha roupa de ontem.
Na estante ainda tem livro pra ler.
O jornal repete o atentado de um mundo que eu mesmo fiz.”
(OCR, p. 14)*

A sequência dos personagens que entram e saem da loja configuram uma pequena amostragem que qualitativamente revelam diversos níveis da miserabilidade em uma sociedade em que não ter dinheiro é sinônimo de morte. As figuras sociais são diversas, tendo em comum a necessidade de trocar objetos por dinheiro. E é nessa fragilidade que encontra-se o ponto de intersecção entre a necessidade do vendedor e o poder do comprador (o comerciante) que usa desta prerrogativa para maltratar, esnobar e ofender quem ali chega.

“E no começo, eu ficava com pena das pessoas. Mas eu não podia ter pena, se não eu nunca ia chegar onde eu cheguei. Então eu fui ficando mais frio. E onde foi que o senhor chegou? Assim, sendo frio. No inferno. De Dante, associo. Pior que fui da pena ao prazer.”
(O C. R., p. 53)

Passagens marcantes dessa relação valem a pena serem trazidas na íntegra para dividir a possibilidade de interpretação da potência crítica que essa ficção tem quando, mesmo sem intenção racional/científica, aponta as contradições das concretas abstrações da sociedade mediada por dinheiro e que em seu cotidiano não percebe o quão fictícia é essa real relação.

*“Ele entra.
Traz um monte de cédulas velhas.
Esse dinheiro tem história.
O cheiro é do ralo, vou logo falando.
Acendo um cigarro. Para nós, isso não vale nada. Ele se desculpa.
Diz que precisava tanto do dinheiro. Digo que ele está cheio de notas.
Ele diz que essas são velhas, que não valem nada.
Digo que o que possuo, em breve, nada deve valer.
Ele sai. Na janela busco a pomba. É provável que ela siga o careca.
Hoje o cheiro parece mais forte. Minha boca mais amarga.”* (OCR, p.19)

É interessante como o autor, mesmo sem teorizar sobre a sociedade mediada pelo dinheiro, retira esse equivalente universal de sua condição falsamente natural. Colocando o dinheiro em evidência negativa, nos convida a pensar sobre sua existência historicamente fetichista. O trecho acima ajuda a pensar sobre o nível ficcional e abstrato que esse pedaço de papel carrega e que ao mesmo tempo determina concretamente quem vive e quem morre na história real.

Em outra passagem sobre o dinheiro, o autor usa sua estratégia do “ir além”, que para Cláudio Duarte é a possibilidade que a literatura tem de distorcer, exagerar, alegorizar para levar ao extremo nossa lógica social.

“Como vai? E o vício?

É hoje, é hoje! Há há há!

Ele esfrega as mãos enquanto ri.

Eu vou comprar, mas só se você me contar o seu vício.

Então me dá o dinheiro, que aí eu pratico o meu vício na sua frente.

Não. Nojento não é não. Mas eu nunca fiz isso na frente de ninguém.

Seus olhinhos de bêbado chegam a faiscar. Ele seleciona a maior das notas dentre as que eu lhe dei. Aí, ele olha pra mim. Seu rosto está iluminado, disforme do tanto que ri. Estica a nota. Apoia a nota na escrivaninha. Esfrega. Tenta deixa-la como nova. Ele me olha e diz:

Eu estou pronto doutor, e o senhor?

Sua boca distorce, como se ele estivesse pronunciando um ‘U’.

Segura a nota com ambas as mãos.

Só polegar e indicador, movimento de pinça, feito “a Ilha das Flores”.

E aí ele rasga.

E rasga de novo.

Fica eufórico.

*

Apanho uma nota na caixa dos cubanos, não custa tentar.

*

É indescritível o prazer.

Agora é ele de novo.

E agora sou eu.

Agora os dois em um ato simultâneo.

E segue assim.”

(OCR, p. 126-7)

Vemos aí, a relação com o grande mediador social ser colocada com ironia ficcional e que colabora em revelar nossa real intimidade com o dinheiro, aproximando-se em alguma medida do ditado popular “nadando em dinheiro”. A colaboração crítica dessas passagens pode se dar ao expor a irracionalidade da sociedade mediada pelo dinheiro. Satiriza o real e acaba por explicitar aquilo que historicamente vem sendo naturalizado e que a própria academia tenta relativizar. No campo da ciência, essa mesma crítica ou explanação sobre a lógica do dinheiro poderia ser lida como ideológica. Sem dúvida, não podemos perder de vista o caráter histórico da produção literária enquanto produto e produtora dessa sociedade. Mas há de se reconhecer que em alguns momentos, mesmo sem os dissolver, nos devolve os absurdos criados por essa sociabilidade.

A mística, o romantismo e até mesmo certa poesia da vida estão muito presentes no ambiente do comércio real de antiguidades. Historicamente formados em uma realidade que tem como sentido produzir mercadorias, as antiguidades se constituem em um discurso que lhes permite sobreviver no mercado. Para tanto, desenvolvemos mecanismos para suprir essa ausência de sentido. Para que os objetos que nos rodeiam ganhem vida, inventamos histórias, depositamos sentimento nas coisas. É a justificativa do inexplicável. Essas histórias ganham força e dão sentido. Rituais, místicas e sentimentos elaboram historicamente um culto às mercadorias.

“Abraçado à peça de bronze.

Se eu pudesse retirava todas as lembranças que se guardaram nessa peça antes de me desfazer.

Esta peça deve ter muitas histórias. Disse eu.

O que me conforta é saber que ela guardará em seu silêncio de bronze.

*

Ele não gosta do novo lance, mas sabe que mais não darei. Beija a testa da imagem de bronze. Dos olhos uma lágrima escapa. Tantas lembranças. Espero que não se apaguem. Tiro as notas da gaveta e volto a trancá-la. Ele nem as confere.”

(OCR, p. 22-23)

A fantasmagoria de que falou Marx ganha, ao longo da história social moderna, inúmeras formas de aparição que promovem o apagamento da real relação social produtora desses objetos. O nível de alienação ficcional desse cotidiano que aparece no livro de Mutarelli dialoga com a realidade contemporânea altamente fictícia.

Porém, em nossa real ficção, o discurso social propagandeia um indivíduo livre que pode escolher quando e onde trabalhar para cavar seu espaço nos estratos sociais. Na outra ponta da propaganda está a falácia onde a concretude/abstrata do capital fala mais alto, e que no caso das personificações do romance, assim como na cidade real, o filho doente, a compulsão por drogas, o aluguel, a luz, a água, o alimento são a verdadeira força motriz de se ir a uma loja de objetos usados para vender um objeto “inestimável”. Portanto, é da crise do capital que se trata e é do trabalhador livre mobilizado sem trabalho que se trata¹⁰, e que no romance estudado, é largamente exposta pela faceta de poder do dinheiro.

¹⁰ Essa dinâmica social apresentada pela ficção e pela real cidade tem como elemento fundante as relações de trabalho. Impositivo histórico, trabalho não se escolhe e nem sempre se tem. É a única liberdade dos sujeitos modernos. Liberdade negativa, entendida por Jean-Paul de Gaudemar como a condição do indivíduo escolher se “vende a sua força de trabalho para viver, ou não a vende e morre” (1977, p. 190).

As passagens do livro que podem ser lidas como crítica social são importantes considerando que para além de nossas interpretações, vê-se que são proposições presentes na ficção e reiteradas na entrevista que fizemos com o autor. Em alguns momentos nos faz rir ao mesmo tempo em que nos ridiculariza.

“E só mais uma coisa lhe digo: Tu é rico, mas vive na merda” (OCR, p.25)

*

“‘Loja de Conveniência’. Nomezinho estúpido. (...) Me pergunto qual é a loja que ofereceria inconveniências. Pedras para por no sapato, mal cheiro para o ralo, esmalte para encravar unhas, coisas assim.”

*

“O país tá na merda. Todo mundo precisando de dinheiro. O sr. sabe, tá todo mundo com a corda no pescoço. E aí, todo mundo me procura porque eu sou honesto. E é assim, quando balão começa a cair eles precisam se livrar do peso.

E como fazem isso? Jogando as coisas fora.” (OCR, p 101)

Essas passagens somadas ao posicionamento do autor mostram a possibilidade de se criticar a sociedade também por meio da ficção. Uma boa surpresa foi o ouvir sobre coisificação. Partiu dele, discutir a transformação das pessoas em coisa, sobre tudo ser negociável e fugir do nosso controle. Ele cita o desejo do protagonista pela bunda da balconista do bar. Nunca quis se relacionar com a moça, não fazia questão e não conseguia lembrar seu nome. Sua fixação era em consumir sua bunda. Comprá-la por alguns instantes. Mediado pelo dinheiro *“o grande momento dele é ter o poder e quebrar as pessoas” (entrevista)*. Trabalhando nos limites da realidade, o autor usa a ficção para atingir o absurdo em uma espécie de diálogo com o que tentamos esconder em nosso cotidiano.

O conteúdo de sua obra somado às nossas conversas apontam para uma curiosidade sobre suas possíveis referências teóricas ligadas à análise social, considerando o peso da crítica sobre o colapso social presente no romance. O autor constrói não apenas um protagonista perverso com os outros, mas irônico com si próprio. É como se o posicionamento crítico do autor se lançasse, em alguns momentos, por trás do narrador/protagonista. É de se admirar tamanha proximidade das falas do escritor com a crítica. A seu modo, Mutarelli faz crítica social e arriscaria dizer que faz literatura negativa frente à vida moderna. Porém, foi importante descobrir que nunca leu Marx ou teóricos da crítica do capital, o que colabora com a percepção de que são diversas as maneiras que podemos sentir que algo não anda bem, que o cheiro fétido já não pode mais ser disfarçado e que essa sociedade produz junto às mercadorias, um mal estar.

No livro ou na cidade, os aglutinados de trabalho morto que circularam há décadas atrás, das cinzas renascem e como passaporte para uma nova circulação, exigem histórias convincentes. A maioria das histórias inventadas sobre os objetos servem à negociação para a sobrevivência dos envolvidos. Porém, algumas tendem a preencher não apenas a falta de sentido da própria existência do objeto, mas são histórias que preenchem o vazio do próprio indivíduo moderno. Em uma das passagens, o protagonista compra um olho de vidro que imediatamente vincula ao seu pai que lutou na guerra. *“Esse olho já viu de tudo. Ele diz. Esse olho tem história.”* (OCR, p.31). Adiante, um dos clientes afirma ter conhecido e combatido ao lado do seu pai e que quase o salvou da morte. Juntos, comemoram o encontro de suas invenções. *“(…) Ele atesta o passado que inventei. Penso em recriar minha vida toda. De trás para frente. De hoje até o dia em que nasci. Como no horóscopo. Como na Revista dos Astros. Só que ao contrário. Eu prevejo o passado.”* (OCR, p.46) Nesta passagem, a ressignificação do passado é vital considerando a total ausência de significados na vida do protagonista. E para que esses significados falseados, mas reais funcionem, o verdadeiro sentido de se produzir mercadorias não deve ser revelado. A produção de valor, como

essência desse fluxo de mercadorias, é tão distante de nossa consciência moderna, que é difícil encontrá-lo também em nossa produção ficcional.

Outro elemento interessante com relação ao momento de troca é que o autor escolhe não trabalhar com preços no texto, apenas sugere ofertas maiores ou menores do que a esperada ou do que as feitas pelos vendedores. Assim como a ausência de nomes das pessoas, a ausência de precificação numeral constrói uma atmosfera que evidencia mais a qualidade da relação do que a quantidade enquanto pseudo-conteúdo da relação. Lemos esse aspecto como se o pragmatismo econômico pautado em números não fosse relevante para que a estória pudesse ser contada, o que é instigante para pensar a essência da troca, mesmo que esta não esteja tematizada teoricamente. Considerando o total descolamento do preço do valor social das mercadorias usadas e antigas, a não precificação pode nos servir de denúncia de sua própria abstração concreta.

No desenrolar da trama, o protagonista avança na associação combinada entre o cheiro do ralo, a bunda e o olho de vidro. O ralo como portal é conectado à bunda, ambos são registrados pelo olho de vidro. Mesmo com o ralo cimentado o cheiro não para, isso o desequilibra e o distancia da bunda. Esse drama e todas as passagens, na loja, na casa, são registradas pelo olho que parece ganhar vida. Ele dialoga com o olho, nesse momento, seu único companheiro.

A apresentação do protagonista se dá por uma perspectiva contraditória. É colocado como controlador das relações pelo fato de carregar consigo o mediador social dinheiro, ao mesmo tempo em que é a personificação do colapso, desmistificando a imagem do sucesso financeiro individual como solução para uma boa vida. Seu dinheiro apenas compra sua liberdade negativa, aquela que contraditoriamente o aprisiona. O colapso não é negociável. Ao cabo, a personagem usuária de drogas humilhada com recorrência durante o enredo todo, bota fim na vida do protagonista e na estória com um tiro em seu peito. Naquele momento ela conduz a negociação e promove a última troca daquele lugar: uma bala por uma vida.

A literatura fictícia publicada enquanto mercadoria, sua inspiração, sua circulação como crítica social é real e se dá na mesma realidade das lojas e feiras de objetos usados e antiguidades. Portanto, a crise é real e pode ser visitada.

2. A Ficcionalidade do Real: uma visita à Feira de Antiguidades e Usados da Praça Benedito Calixto em São Paulo

O fetichismo da mercadoria tem importância marcada na crítica dos autores referenciados neste texto como o pioneiro Karl Marx (1988), Robert Kurz (1996, 1997, 2004), Anselm Jappe (2006), David Harvey (2005), Amélia Damiani (2008). Essa base é composta por uma crítica marxiana da sociabilidade moderna que não se encerra em Marx, mas reconhece e localiza historicamente sua importância no campo da crítica da economia política.

A análise social deste ensaio está ancorada em uma das categorias de base do processo crítico de modernização, a mercadoria. Marx em “O Capital” (1988) desenvolveu, no âmbito de sua particular crítica da economia política, a discussão sobre o aspecto fetichista da mercadoria que

não tem que ver absolutamente nada com sua natureza física e com as relações materiais que daí se originam. Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. (MARX, 1988, p. 71)

Essa perspectiva abre a possibilidade de análise da relação social que produz a mercadoria, e não apenas a maneira como a sociedade naturalizada a circula. Segundo Anselm Jappe, temos a “necessidade de uma crítica das categorias de base da modernização capitalista, e não apenas uma crítica da respectiva distribuição ou aplicação” (2006, p.09).

Considerando e ultrapassando as interpretações e práticas marxistas ao longo do século XX marcadas pela luta da “repartição do dinheiro, da mercadoria e do valor, sem por em causa estas três realidades em si mesmas”, Jappe entende que “a crítica marxista da mercadoria, do trabalho

abstrato e do dinheiro deixa de ser uma espécie de ‘premissa filosófica’ alcançando plena actualidade” (2006, p.10). E reafirma a necessidade de uma crítica radical.

Quem se contenta em querer um capitalismo ‘de rosto humano’ ou um ‘capitalismo ecológico’ perde o que melhor havia nas revoltas iniciadas em Maio de 68, ou seja, o desejo de tudo transformar em objeto de crítica, a começar pela vida cotidiana e pela ‘loucura quotidiana’ da sociedade capitalista que coloca os indivíduos perante a absurda alternativa entre sacrificar a vida ao trabalho (‘perder a vida a ganhá-la’) e sofrer as consequências de não ter trabalho. (JAPPE, 2006, p.12)

Como aglutinação de tempo de trabalho (Marx, 1988), as mercadorias aparecem apenas como coisas úteis¹¹ desenvolvidas ao longo do tempo pelo avanço do conhecimento humano. Essa história linear própria da positivação do progresso esconde as contradições desse processo. Pouco se discute o fato das mercadorias serem ao mesmo tempo valor de uso e valor de troca, fruto de outra simultaneidade que é o trabalho concreto e o trabalho abstrato. Essas unidades dialéticas estão escamoteadas pela consciência fetichista. A prática da troca de mercadorias tendo o dinheiro como mediador universal não é questionada em sua essência. Historicamente adquiriu status de natureza humana, transformando a própria aparência em pseudo-essência. Nesse sentido, os conteúdos foram abstraídos, restando apenas as coisas em si, apenas a forma como conteúdo. Assim entendemos o fetiche da mercadoria.

¹¹ O valor de uso “não descreve a ‘utilidade’ simplesmente, mas a utilidade sob a ditadura do moderno sistema produtor de mercadorias (...) Não se trata do oposto sensível e qualitativo do valor de troca, mas do modo como as próprias qualidades sensíveis são adaptadas pelo valor de troca. É a categoria valor que une ambos os lados, o “uso” e a forma social abstracta.” (KURZ, 2004, s. p.)

Embora as mercadorias continuem a circular exibindo suas formas, seus conteúdos qualitativos não mais importam. As coisas são produzidas para serem trocadas. “Em geral todos os objetos da vida e do mundo deixaram de ter qualquer valor qualitativo próprio no capitalismo sem limites desta virada de século, mas tão só o seu valor econômico, que lhes confere vendabilidade.” (KURZ, 2004, p.126)

Por isso, um estudo crítico da mercadoria inevitavelmente terá que investigar a fundo o processo social produtor de mercadorias, que aparece como solução das necessidades humanas incluindo conforto, prazer e futuro. Essa forma aparente das coisas é resultado do fetichismo intrínseco à forma social capitalista, que ao aparecer como essência a esconde. Em nossa “loucura quotidiana” não notamos que a mercadoria se constitui como

objetividade fantasmagórica, uma simples gelatina de trabalho humano indiferenciado, isto é do dispêndio de trabalho humano, sem consideração pela forma como foi desprendida (...) Como cristalizações dessa substância social comum a todas elas, são elas valores - valores mercantis. (MARX, 1988, p.47)

Contudo, é o valor de uso, enquanto propriedade corpórea, que permite a troca das mercadorias dando vazão à expressão do valor de troca, além de criar novas fronteiras a partir das necessidades forjadas pela propaganda espetacular na tentativa de superação da intransponível crise alimentada pelo próprio desenvolvimento das forças produtivas. Assim, o que vemos circular é a parte visível das mercadorias, considerando que o valor (“trabalho cristalizado”) não pode ser percebido no corpo dos produtos¹².

¹² “As mercadorias vêm ao mundo sob a forma de valores de uso ou de corpos de mercadorias, como ferro, linho e trigo etc. Essa é a sua forma natural com que estamos habituados. Elas são só mercadorias, entretanto, devido à sua duplicidade, objetos de uso e simultaneamente portadores de valor.” Apesar disso, “podemos virar e revirar uma mercadoria, como queiramos, como coisa de valor ela permanece imperceptível” (MARX, 1988, p. 53-54).

Essa produção e circulação corpórea se expressa em todos os lugares das cidades, e se retirarmos o brilho ofuscante das mercadorias, teremos necessariamente, um espaço degradante

O design é a estética rutilante das mercadorias abstratas particularizadas para o consumo dos indivíduos abstratos particularizados, enquanto toda a paisagem, as cidades e o espaço social são transformados em depósitos de lixo fedorentos. (KURZ, 2004, p.128)

A produção do espaço moderno coincide com a formação histórica da sociedade capitalista que carrega em seu conteúdo lógico as especificidades concretas no que se refere à produção e circulação de mercadorias em um movimento que se encerra em si, mas que tem na formação dos lugares a estratégia para a reprodução dessa tautologia. Sua existência passa a ser a reposição crítica dessa forma totalitária tendo ainda como resultado a formação da consciência moderna, incapaz de questionar a formação desse espaço. Nesse sentido, a pesquisa empírica se faz necessária para lidar com a contradição da parte expressando o todo

A reflexão sobre as contradições do espaço envolve a consideração do significado do espaço como mercadoria, mercadoria que se generaliza enquanto mundial – reúne interesses industriais, estatais, estratégicos, lógicas sociais, isto é, conhecimentos tornados práticas e estratégias. O que não equivale a dizer que se realiza da mesma maneira em todo e qualquer lugar. (DAMIANI, 1999, p.48)

O espaço refere-se às diferentes maneiras de como a totalidade capitalista se realiza. Dialeticamente, enquanto particularidades, os lugares

são simultaneamente a expressão do todo. É na parte que o todo existe ao mesmo tempo em que é no universal que a parte consiste. Talvez seja dessa maneira que Amélia Luisa Damiani se coloca quando diz que o espaço não se realiza da mesma forma em qualquer lugar. A crítica

(...) só é possível através dessa relação dialética entre o universal e o particular, entre a necessidade e a contingência, caso contrário, reproduz-se a uma noção evolutiva da história – o continuísmo histórico – e a simultaneidade e a complexidade dos processos sociais não são alcançadas. (DAMIANI, 2008, p.218)

Ir a campo serve também a isso, pois se considerarmos a potência das particularidades dos lugares como reveladora da “totalidade concreta”, podemos perceber que esse movimento dialético traz consigo infinitas contradições a que devemos perseguir, mesmo sem dar conta. Tanto a realidade dos lugares quanto a capacidade de análise encontram-se em movimento histórico carregando seus limites. Assim, consideramos importante o esforço de investigação dos discursos produzidos e produtores das cidades:

O processo do capital se constitui como sistema mercantil: sistema social produtor de mercadorias. Produz-se para a venda, para troca, pondo a socialização da sociedade, imediata e sensivelmente, envolvida em abstrações, como a da forma mercadoria. Contudo, a forma mercadoria inclui diferentes modos de realização, da troca simples de mercadorias à sua realização como capital. Esses modos de realização podem ser elucidativos de como tal processo é vivenciado pela massa da população proletarizada, conduzindo-nos a integrar à análise o nível da prática social, definido pela vida cotidiana. (DAMIANI, 2008, p.232).

Tanto a produção espacial da praça, bem como a produção literária são elementos da forma mercadoria que compõem o cotidiano e, portanto podem se caracterizar como objeto de análise deste estudo, considerando ainda o enredo de “O Cheiro do Ralo” como possibilidade crítica da relação social urbana sem, no entanto, descrever a cidade.

Nas mãos um porta-jóias.”

“Ele entra. Coloca o violino em minha mesa.”

“Ela entra chorando.”

“Ele entra. Um raro livro.”

“Ele entra. Traz um olho de vidro nas mãos.”

“Ele entra. Traz um maço de cigarros, vazio”

“Esse gramofone tem história.”

“Esse violino deve ter história, chuto.”

“Esse olho já viu de tudo. Esse olho tem história.”

“É história pra lá e pra cá.”

“Ele sai.”

“Eu preciso ir. Vai, vai.”

“Ela vai.”

“Da hora. Ela sai.”

“E então ninguém entra nem sai”

Tendo essa interpretação como referência e reconhecendo a forma mercadoria como relação social, fomos a campo a fim de lidar com o cotidiano constituído por essa lógica totalizante.

A Feira de Antiguidades, Artes e Artesanato da Praça Benedito Calixto surge em um contexto histórico de redemocratização do país do início da década de 1980. Nesse período, a Praça Benedito Calixto (Pinheiros, São Paulo – SP) abrigava um movimento de contracultura representado pelo

Centro de Promoções Artísticas Lira Paulistana (CPALP). Laerte Fernandes de Oliveira, em seu livro “Em um porão de São Paulo” (2002), conta que em meio a esse movimento, o grupo que trabalhava com a livraria Neón ali localizada, acaba por formar a Associação dos Amigos da Praça Benedito Calixto. A Lira Paulistana compôs a primeira diretoria da Associação. Desde 1987, a Associação administra a Feira de Artesanato, Artes e Antiguidades da Praça Benedito Calixto, que acontece todos os sábados, durante todo o ano.

A escolha dessa particularidade da cidade de São Paulo se deu por força deste contexto histórico que criou uma atmosfera cultural tida como de vanguarda. O desdobramento desse processo colabora na constituição de um comércio dotado do discurso da unicidade e raridade das peças, do trabalho manual como alternativa e da formação de um ambiente artístico e político. Além disso, o elemento que consideramos importante para pensar o fetichismo da mercadoria é o protagonismo da forma mercadoria em meio à própria ideia de um lugar alternativo de consumo. Esses elementos constituem a estética da feira e que, em muitos momentos, aparecem como uma crítica ao consumo de massa industrial. Contraditoriamente, em nossa hipótese, constroem uma forma fetichista específica no contexto da cidade.

Sem dar conta dos aspectos particulares da arte e do artesanato, portanto dando destaque às antiguidades, esse estudo optou por pensar a dinâmica social desses objetos da feira que um dia circularam como parte da totalidade da produção de riquezas, e que hoje voltam a ser trocados a partir de discursos diferentes daqueles do passado. Porém, para além dos discursos, sendo do final do século XIX, das décadas de 20, 40, ou 70 do século XX, carregam especificidades históricas ligadas ao desenvolvimento das forças produtivas e, portanto compuseram médias sociais diferentes, mas todas forjadas e objetivadas enquanto trabalho abstrato¹³.

¹³ “É somente dentro da produção de mercadorias que o aspecto social da produção e a faculdade de o trabalho particular e de seu produto valerem como parte do trabalho total e da produção total residem precisamente na sua falta de qualidade, na sua existência como pura quantidade” (JAPPE, 2006, p.48)

Nesse sentido, as particularidades dessas mercadorias e suas características físicas foram historicamente relevantes apenas como valorização do valor. Esse processo passa às costas de quem produz, de quem vende e de quem compra. O sujeito consumidor de mercadorias o faz sempre pela perspectiva da necessidade, conectada ao valor de uso ou de culto ao objeto. Seu valor de troca é socialmente imperceptível. Assim o foi no momento da produção, da primeira circulação e assim o é no ressurgimento como antiguidade.

A história da produção de mercadorias leva esse processo a limites inimagináveis e fundamentalmente por conta da crise intrínseca do capital¹⁴, os indivíduos passam a conviver em uma coleção cada vez mais imensa de mercadorias. Essa sociabilidade forma além de infinitas coleções, objetivados colecionadores. Nesse processo, é possível arriscar que na inversão sujeito - objeto, ou seja, na objetificação da vida, as pessoas passam a se constituir e se reconhecer nas mercadorias, sem notar que nascem enquanto uma.

Formados por uma real e desejada “liberdade negativa”, os indivíduos modernos, além de se constituírem rodeados de coisas, ficcionalizam suas vidas

“até a perda absurda do conceito de realidade. (...) Nos anos 80, realizou-se e radicalizou-se a tendência histórica do moderno sistema produtor de mercadorias à dissolução de todos os laços

¹⁴ “Nas três revoluções industriais, o standard de produtividade foi levantado cada vez mais alto por meio da concorrência. Porém, quanto mais alta a produtividade, tanto menor a quantidade válida de trabalho representada por cada mercadoria e, portanto, tanto menor o valor desta. Aqui se manifesta a auto contradição lógica do capitalismo: por um lado, a sua finalidade é a infindável acumulação de valor, por outro lado, é ele próprio que progressivamente retira a substância do valor das mercadorias. Historicamente esta contradição foi compensada pela expansão capitalista: quanto menor o valor de cada mercadoria, tanto mais mercadorias tinham que ser produzidas e vendidas. Mas está aqui estabelecido um limite interno lógico. A qualquer momento deixa de valer a pena entulhar o mundo com mercadorias. Juntamente com a substância do valor cai também o poder de compra, pois este é apenas um momento daquela. Na terceira revolução industrial a equação já não dá certo: ao desemprego global em massa corresponde a desvalorização interna das mercadorias. Com uma dose de substância do valor tornada homeopática, os produtos já são autenticamente apenas bens naturais; pelo que só artificialmente podem ser forçados à forma do preço em dinheiro.” (KURZ, 2005, s. p.)

sociais por meio de um grande surto de "individualização". Cada qual o seu próprio deus, o seu próprio escravo, o seu próprio treinador e o seu próprio filme de terror. Esse aguçamento extremo do individualismo abstrato não é ignorado pela estética da mercadoria: cada qual a sua própria obra de arte total. Transformados literalmente - e não somente em relação à sua força de trabalho - em "mercadorias sobre duas pernas", os indivíduos imaginam-se como designs vivos. O mundo dos produtores e consumidores de mercadorias transforma-se num único e vasto palco (ou televisor) e cada qual torna-se ator de si mesmo." (KURZ, 1997, s.p.)

No livro "Objeto de desejo" (2007), Adrian Forty apesar de positivar o progresso em passagens que consideram a possibilidade de ajustes em nossa sociabilidade, conta criticamente a história do design e traz interessantes elementos para pensar no intenso trabalho que a sociedade industrial empenhou na criação de novos objetos, no sentido de diversificar para concorrer e lucrar. O autor diz que "a fim de compreender o design, devemos reconhecer que seus poderes de disfarçar, esconder e transformar foram essenciais para o progresso das sociedades industriais modernas" (2007, p.22). Esse esforço histórico em criar novas necessidades, nicho de consumidores, criar novos significados para as coisas, aparece na feira da praça Benedito Calixto. São objetos que carregam uma história ligada à acumulação capitalista auxiliada pelo design e que hoje ganham status de peças raras com valor sentimental aglutinado ao longo do tempo. No caso do consumo na praça, a consciência fetichista atua de forma contraditória sendo que, existe o culto ao objeto pela sua materialidade ao mesmo tempo em que, abstraem a mesma materialidade da peça por uma história que é tão fictícia quanto desimportante. Nesse sentido é uma realidade inventada assim como no enredo literário. Uma vez que "não importa se o consumo é real ou só se dá na imaginação: os objetos do desejo transformam-se em peças de culto." (Kurz, 1997, s. p.)

Com ironia a literatura dá sua contribuição:

“Temos um mundo à parte. Criamos um mundo à parte.

Um mundo para nos servir.

Nós temos tudo o que o mundo pode nos oferecer.

E mesmo assim, criamos diariamente algo novo.

Que outro animal tem isso?

Nenhum, não senhor.

O cachorro, tem?

Não. O cachorro não tem.

A girafa, a girafa tem?

Não, a girafa não tem não senhor.

E a formiga? A formiga que se julga tão esperta, ela tem?

Não.

E as baleias, tem?

Muito menos. Por que elas vivem na água. E aí ia molhar tudo.

Deus criou o mundo, mas fomos nós quem o tornamos confortável.

Humhum.

Nós somos o deus do conforto.”

(O.C.R.: 76-77)

Nesse trecho o autor expõe algo que é caro à forma social em que vivemos. Na cena criada, o homem moderno se apropria da imagem histórica a que chamamos “Deus”, para então se igualar a ela. É como se tivéssemos chegado ao cume do progresso humano. A criatura virou criador. O homem, agora divino, em perfeita imagem e semelhança. É como se o humano moderno, Deusificado, não pudesse estar no caminho errado, é um percurso certo e iluminado. O processo de modernização ganha essa roupagem falseada de controle absoluto de todos os acontecimentos, capaz de solucionar qualquer problema humano, contraditoriamente em um formato social onde o indivíduo não tem controle, nem mesmo consciência sobre sua condição.

Como espaço moderno de cultura, a praça se aparta da vida pela parede de vidro transparente e intransponível de que falou Robert Kurz em “A estética da modernização” (2004). É como que para se ter contato com a cultura na cidade de São Paulo deve-se ir ao seu encontro em data e local marcados. Tal mobilidade é mediada pelo dinheiro desde seu primeiro minuto. Apenas os indivíduos que tenham posse desse mediador universal capitalista têm acesso. A linguagem é a da cultura precificada. Não apenas os artesanatos, as artes plásticas, as antiguidades estão precificadas na praça. Além do gasto com transporte já contabilizado por quem pôde chegar até a praça, quem estiver com sede, com fome ou com necessidade de usar o banheiro, deve possuir dinheiro.

Segundo David Harvey, “é inegável que a cultura se transformou em algum gênero de mercadoria” (2005, p.221). Nesse mesmo texto, o autor se propõe a pensar o porque fazemos o esforço em elevar esse tipo de mercadoria a algo superior à lógica mercantil. Fato é que as coisas expostas que compõem aquele espaço tido como cultural, é trabalho morto rodeado de prestação de serviços e subempregos. Mas aparecem como história, design e arte.

Dentre as diversas visitas à feira da praça, em duas oportunidades conversamos com a senhora que administra a associação desde sua fundação, portanto há 30 anos. Ela corrobora com a história da praça e lembra que o surgimento da feira se deu a partir de um movimento de resistência dos moradores do entorno contrários a um projeto de alteração dos canteiros da praça proposto pelo então prefeito Jânio Quadros. Os moradores, a Lira Paulistana, a sede do Partido Comunista, compunham o entorno da praça e fizeram parte do início dessa história. O grupo constituiu uma espécie de anti-projeto e, a fim de angariar verba para a melhoria da praça, uma das moradoras expôs alguns de seus quadros autorais para que a renda fosse revertida para a praça. A ideia foi assimilada por outras pessoas, o que com o passar dos anos tomou dimensões inimagináveis para o grupo

que iniciou este percurso. Nesse contexto a Associação dos Amigos da Praça foi formada.

A associação é constituída pela diretoria; um conselho compartilhado entre a direção, prefeitura e expositores. Três funcionários fixos que aos sábados sobem para 37 esporádicos distribuídos nas várias frentes de trabalho para que o evento aconteça. Essa equipe maior constitui a força de trabalho braçal e subempregada. Atualmente, 320 expositores têm seus espaços delimitados e uma fila de interessados aguarda a anual seleção que promove uma rotatividade espontânea de cerca de 20% dos expositores. Segundo a administradora, é a feira paulistana com maior procura e espera. A garantia de que apenas os selecionados pela associação exponham fica por conta da equipe de seguranças contratados, também como subempregados. Além disso, a montagem e desmontagem da estrutura de barracas e mesas são feitas por uma empresa terceirizada, que com exploração de mão de obra barata devolve a praça limpa à vizinhança em poucas horas.

Conversas foram feitas com expositores e consumidores, dentre elas algumas se destacam como a com o Sr. Jorge da barraca intitulada “Museu da Voz”, local onde se pode encontrar CDs originais, coletâneas de clássicos de vários estilos, além de reunião de vozes de famosos em entrevistas, falas raras, etc.



Figura 1. Museu da Voz. Uma das barracas mais antigas em atividade que compõe a Feira da Praça Benedito Calixto. Foto: Leonardo Cappucci

Sr. Jorge conta que no início da década de 1980 ganhou altos salários como executivo do Centro Administrativo do extinto BCN – Banco de Crédito Nacional, futuramente incorporado pelo Banco Bradesco. Pressionado pela crise de 1982, pede demissão por não ter mais função. Conta que deprimido pela queda de padrão de vida, ao mesmo tempo em que prestava outros trabalhos, montou a barraca na feira para vender suas gravações musicais em fita cassete que vinha colecionando. Naquele período, ainda era um movimento de expositores incipiente e não organizados, conhecido como “mercado de pulgas”¹⁵.

Em sua perspectiva, todos esses acontecimentos foram positivos, pois talvez enlouquecesse como executivo, pondera. Já como aposentado, a atividade aos sábados na praça entra como um complemento de renda, além disso, ao longo dos anos passa a ganhar a conotação de uma atividade prazerosa, de contraponto à vida monótona. Aos sábados vendia,

¹⁵ “*Mercado de Pulgas*” remete ao início das feiras de troca e venda de objetos usados, onde, as pulgas poderiam vir junto com os ternos trocados entre os pobres da periferia de Paris, que negociavam a sobrevivência. Eram os trapeiros que “expulsos da capital no momento das grandes obras de urbanização vieram se instalar à Saint-Ouen para triar o botim noturno salvado dos lixos de Paris (...) na rue des Rosiers, artéria principal, (...) em 1880, se encontrava o primeiro mercado de ferro-velho e de trapos”. <http://www.france.fr/pt/visitar/ideias-para-lazer-baladofr/article/mercado-das-pulgas-de-saint-ouen-seine-saint-denis-93>. Acesso em 08 abril 2012.

conversava, descobria coisas novas sobre música, recebia encomendas, o que preenchia a semana com demandas ligadas ao assunto. Mais a frente, o que era uma tentativa de complemento de renda, passou a ser aquilo que daria sentido ao dia a dia e, no limite, à vida.

Sr. Jorge fala sobre as transformações que a feira passou ao longo do tempo. *“No início a praça era intelectualizada (...) antes, os jovens compravam e queriam saber sobre o artista (...) o público é mais frio atualmente”*.

Essa diferença talvez se expresse em uma das outras conversas que tive. Quando pergunto a dois colegas (parados em frente à comedoria da feira) sobre o consumo de objetos usados e antiguidades, eles respondem que estão ali *“para beber e ver a mulherada”*, enquanto o outro diz: *“eu não compro nada disso aqui”*.



Figura 2. Feira armada aos sábados, com galerias, bares e restaurantes lotados em todo o perímetro da Praça Benedito Calixto. Paisagem de contraste entre as antiguidades expostas, frente ao que, aparentemente, existe de mais moderno. Foto. Leonardo Cappucci.

É importante destacar que a feira se tornou ao longo dos anos um ambiente de encontro que extrapola o comércio de antiguidades e objetos usados. O quarteirão atualmente é tomado por badalados restaurantes e bares que lotam as calçadas com suas filas de espera; por galerias de arte; galerias com expositores de roupas e artesanato; e ainda algumas dezenas de expositores informais que se estendem pelas calçadas da Rua Teodoro Sampaio.

Ainda falando sobre as mudanças do público e o preço dos artigos da feira, Sr. Jorge, diz que *“a pessoa mais culta valoriza a memória e a arte”*. Quando pergunto sobre a construção do preço das coisas que vende, ele diz que as *“coisas têm valor intrínseco, valor agregado através dos tempos, é a carga do tempo. Vender barato uma grande música significa denegrir o valor intrínseco da obra”*.

Outro ponto forte da conversa foi com relação à estima dos objetos. Ele relaciona as peças de estima com a infância, com o passado. *“Se você via seu avô fazer macarrão em máquina, você vê a máquina e compra (...) o que é inestimável para um, não vale nada para outro (...) recuperar algo da infância é recuperar a felicidade”*, explica Sr. Jorge.

Porém, para além dessa ficção do valor intrínseco e da estima, passa ao largo, a real intenção da produção capitalista pela qual se pode pensar que

se o único propósito de uma xícara fosse servir de suporte para líquidos, poderia muito bem haver um único design, mas as xícaras têm outros usos: como artigos de comércio, servem para criar riqueza e satisfazer o desejo dos consumidores de expressar seus sentimentos de individualidade, e é da conjunção desses objetivos que resulta a variedade de designs. (FORTY, 2007, p.22)

Um frequentador da praça explica o porquê prefere, às vezes, comprar uma mercadoria usada/antiguidade

“Venho atrás das formas diferentes, trabalho com moda, então, venho atrás de estilos diferentes. Às vezes temos peças com estilo em lojas de objetos novos, mas aqui acaba sendo mais barato. Outro fator importantíssimo é a exclusividade da peça. Se há 30 anos, se fazia 100 peças de uma determinada coisa, na década de 1990 se fazia 500 peças e hoje se faz 1000. Por isso, muitas vezes o antigo é mais exclusivo”.

Nesse sentido, e ainda pensando na história do design, o exclusivismo é muito importante para a classe média frequentadora da feira que recorre ao antigo para se diferenciar da massa consumidora de mercadorias banalizadas pelo desenvolvimento das forças produtivas. Ao mesmo tempo, consome mercadorias novas quando produzidas em menor escala, na tentativa de se manter distante do popular.

A consciência fetichista é fundamental na transformação de tudo em coisa vendável.

O sistema da moderna economia de mercado tende a dissolver todo conteúdo em forma. A forma do valor econômico, embora nunca possa realmente prescindir de conteúdo, empenha-se, segundo sua lógica interna, pela autonomia. O dinheiro como fim em si mesmo torna o conteúdo indiferente. ‘Para ter sucesso, você precisa acreditar em algo - não importa no quê’, resumiu um guru da administração, numa fórmula simples e lapidar. (KURZ, 1997, s. p.)

Talvez isso explique o nome de uma das galerias do entorno da praça. Espaço voltado a expositores que vendem uma grande variedade de produções independentes (ou não) como roupas, bijuterias, bolsas, sapatos,

comidas, cerveja artesanal, ou seja, um lugar para se vender tudo o que for possível vender, ganha o significativo nome: “Feira Qualquer Coisa”.

Mas nem todos os freqüentadores compram qualquer coisa. Uma parte está ali para fazer negócios. Um dos expositores de antiguidades variadas com o qual conversamos analisa o perfil do público e conta que os colecionadores são os clientes mais importantes seguidos dos decoradores. Ambos frequentam a feira no período da manhã. No período da tarde o público é bem heterogêneo interno a uma classe média consumidora de cultura, que por curiosidade compra uma peça antiga como expressão da exclusividade, mas que na maioria das vezes é atraída pelos artesanatos, bares e restaurantes.

A maioria dos expositores entrevistados foram colecionadores e em alguns casos clientes da feira em outro tempo. O colecionismo transforma o colecionador em uma espécie de especialista em mercadorias específicas, se tornando referência em determinado tipo de produto, uma espécie de investidor, de consultor. Nesses casos, o conhecimento “agrega valor” e permite acesso em uma rede de compra e venda que parece girar muito dinheiro. Alguns dos expositores entrevistados tiveram experiências de culto aos objetos ainda na infância onde a construção de uma narrativa de acúmulo de capital e de mercadorias se confunde com o sobrenome da família.

Neto de família aristocrática decadente e filho de militar, um dos entrevistados rememora a estrutura financeira e a quantidade de objetos considerados importantes na casa de sua avó, que com o passar das gerações restaram apenas algumas propriedades e quase nada de dinheiro. Esse mesmo entrevistado diz que essa feira é para uma determinada classe social, *“tem gente que vem aqui e não conhece nada, não tem história”*.

No mundo da “imensa coleção de mercadorias”, quanto maior for a relação de posse e conhecimento das mercadorias mais história você tem. Essas conversas revelam a formação de uma consciência fetichista, portanto

a-crítica, onde a ausência de sentido da vida é preenchida pelas coisas e seus símbolos. É

(...) a "imagem" da mercadoria. Há tempos a propaganda tenta ligar bens de uso cotidiano com sentimentos positivos. No caso, não se ama o próprio objeto, como, por exemplo, alguém ama uma velha mobília que o acompanhou pela vida. Antes, um bem em si banal (ou até mesmo idiota) deve ser "representativo" de determinados elementos da empatia social. Como se sabe, as campanhas publicitárias sugerem que, junto com um sabonete, se compra também beleza e charme, ou sucesso com uma barra de chocolate, ou também sex appeal e liberdade com um automóvel. (KURZ, 1997, s. p.)

Portanto, o setor de antiguidades da feira representa um jogo jogado por quem, de alguma maneira, teve e tem acesso a certo acúmulo de mercadorias em geral. O colecionismo de nível avançado é para os indivíduos e as famílias que acumularam capital e que em muitos casos usam essa atividade como investimento. Os entrevistados confirmam o paralelo que se faz entre o colecionismo de artes e antiguidades e a bolsa de valores. O ambiente especulativo e arriscado é muito parecido.

Nesse ambiente, o acesso às mercadorias, o colecionismo, a visita a outros países, constituem um repertório vasto de informações e conhecimento enciclopédico sobre o mundo. É uma espécie de conhecimento sobre as coisas concretas do mundo.

De forma muito amigável, um dos expositores me recebeu para boas conversas sobre a feira e a vida. Conta que sua presença na feira é também fruto de sua experiência de colecionador de isqueiros. Mas o curioso é que sua coleção foi antecédida pelo seu interesse em estudar a história do fogo e sua importância para a humanidade. No caso desse senhor, publicitário

aposentado, o conhecimento enciclopédico acompanha boa dose de crítica. Pondera sobre o consumo e sobre a produção de mercadorias. Tem claro que o ramo da publicidade serve para convencer sobre um consumo de desnecessidades. Reconhece que de fato não precisamos da maioria das coisas que consumimos, mas que em última instância nos dão prazer. Sua esposa, geógrafa de profissão, gosta de elaborar frases e além da que usa em uma placa exposta na barraca, *“só o bom gosto não envelhece”*, formulou de improviso uma frase síntese da barraca do casal: *“O valor da lembrança e a lembrança não tem preço”*. Diz isso em uma barraca onde vendem jóias, isqueiro, objetos variados e muitas lembranças adquiridas em viagens ao exterior em tempos de bonança financeira e que hoje são trocados por dinheiro a fim de complementar a aposentadoria.

Reiterando uma perspectiva da existência de um real mal estar frente a uma vida imersa em coisas e esvaziada de sentido, um dos comerciantes também reconhece a tautologia dessa busca por objetos. *“É claro que eu não falo isso, mesmo porque é meu trabalho, mas a maioria desse movimento todo é bem idiota”*, comenta sobre o fato das pessoas se constituírem daquilo que compram.

Outros elementos chamam atenção e sintetizam as conversas, como a aparente queda do colecionismo onde as novas gerações parecem não ter o mesmo interesse que a atual, já envelhecida. Além disso, dizem que o mercado de antiguidades está em um momento de crise (acoplada à crise econômica atual) e muito incerto, o que para um comércio especulativo é um sério problema. Aqui surge uma hipótese possível de ser levantada sobre se esse tipo de comércio especulativo (guardadas as proporções) não faria parte de uma composição da crise produtiva do capital onde a circulação de dinheiro se dá a partir da circulação de mercadorias precificadas como capital fictício em menor escala. A venda de uma garrafa vazia de coca-cola da década de 70, não seria hoje, nesse contexto uma estratégia artificial de circular capital fictício na forma dinheiro?

A suposta unicidade dos objetos e o resgate de outros tempos da vida, talvez tenham sido os grandes destaques das conversas com o público, apesar do fato da diversidade atual de opções ao redor da praça extrapolar o que no início era apenas o mercado de pulgas. O instigante é pensar que essa unicidade nada mais é do que resquício isolado de outro momento produtivo onde, cada objeto em sua respectiva época, foi produzido como novidade estratégica para a sobrevivência concorrencial dos capitalistas e que aparecem hoje como excentricidades.

A violência dessa forma social produtora da montanha de mercadorias expostas com orgulho como obra humana é apagada tamanha a ocupação fetichista. Relações sociais perversas acontecem simultaneamente ao espetáculo e que passam às costas de seus visitantes mesmo que a cena seja explícita.

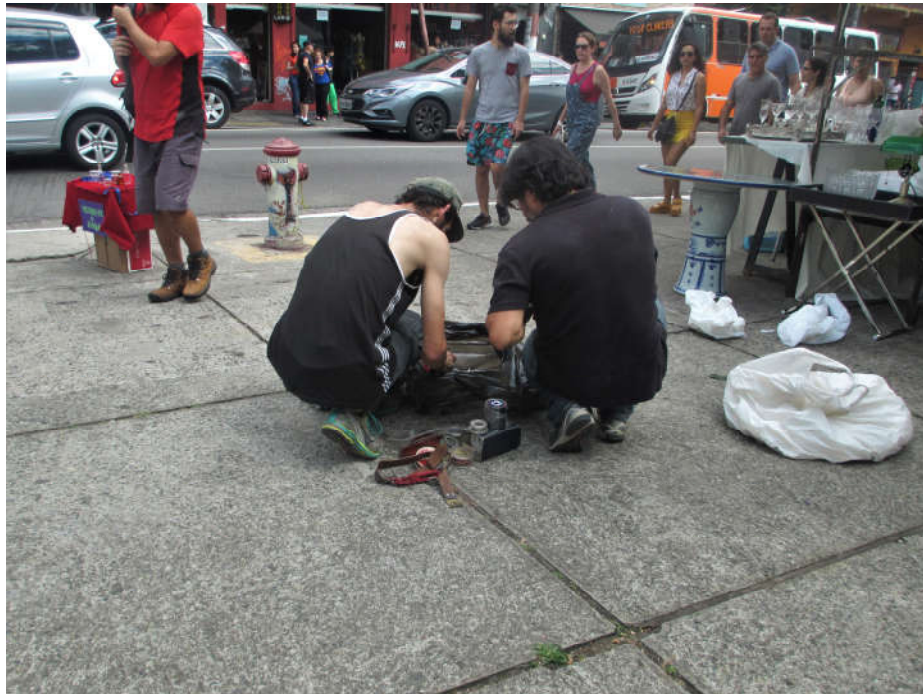


Figura 3. Fragrante de negócio sendo feito por dois homens mobilizados pela feira da praça. Um carroceiro e um expositor. Foto: Leonardo Cappucci

A imagem acima é insuficiente e incapaz de revelar a totalidade do processo social envolvido, mas congela o momento exato em que um

“carroceiro” despeja alguns objetos coletados como sucata pelas ruas da cidade a fim de negociar com um dos expositores da feira. Não temos registro da conversa toda, mas temos a percepção que se conheciam e que não negociavam pela primeira vez. Enquanto o vendedor pedia “pelo menos vinte reais”, o comprador dizia que poderia pagar apenas quinze reais. Na luta pela sobrevivência, sobrevive o mercado. O comprador venceu a negociação trocando R\$15,00 por lixo. É certo que o empírico não dá conta da totalidade teórica dessa sociedade, mas algumas cenas reais da relação social articulada por dinheiro-mercadoria colaboram para o entendimento teórico e apontam para o funcionamento desta praça, desta cidade e, portanto desta sociedade. O que chama atenção é o contraste que a imagem cria quando colocada ao lado de todos os “sorrisos burgueses” distraídos que se encontram aos sábados nesta praça. O contraste faz referência às contradições e ao negativo do lugar. Arriscaria dizer que pouquíssimas pessoas notaram essa cena, afinal nossa protagonista conduz corpos e olhares.

Ali estavam, mobilizados pelo trabalho em uma relação particularizada onde a desigualdade foi, em sua aparência, equacionada por R\$15,00. Com diferentes formas de sofrimento em uma correlação de força que aponta para quem há de bater o martelo final, ambos seguem lutando por acesso às migalhas da barbárie. Nesses termos, cada qual a seu modo, sujeitos modernos livres. Essa cena espacialmente particular é, ao mesmo tempo, global:

“A crise mundial provocada pela terceira Revolução Industrial expulsa um número cada vez maior de pessoas da produção real, convertendo-os forçosamente em agentes da circulação. Como operadoras de serviços baratos de todo tipo, como vendedoras, comerciantes de rua e até como pedintes, elas próprias vivenciam agora, de modo paradoxal, a esfera da liberdade e da igualdade como o jugo de um trabalho secundário; a ditadura da produção se

estende a atividades cada vez maiores da circulação, até chegar ao empresariado da miséria. Liberdade e não-liberdade coincidem aí de imediato; mas, ideologicamente, esse paradoxo é tanto mais assimilado nos termos dos ideais da circulação. Na medida em que os indivíduos se vivenciam a si próprios como pequeno-burgueses e como negociantes de seu "capital humano" cada vez mais em circulação, o utopismo da troca de mercadorias retorna, depois do fim do socialismo do trabalho, em uma versão neopequeno-burguesa. Em uma sociedade em que permanentemente todos querem empurrar a todos alguma coisa e em que as relações sociais se dissolvem em um bazar universal, os crescentes fenômenos de crise são percebidos pela retícula da existência vivida na circulação. De maneira francamente compulsiva, uma intelligentsia de vendedores de si próprios interpreta os problemas oriundos da terceira Revolução Industrial segundo o modelo das relações da circulação: "Um possuidor de mercadorias afeta o outro". Mesmo a superação da produção de mercadorias é pensada conforme as categorias da "troca eterna". (kurz, 2005, s.p.)

As conversas com os consumidores nas primeiras visitas à feira não eram fáceis de serem feitas. As pessoas em seu momento de lazer e de folga do trabalho continuam ocupadas. Algumas quando abordadas diziam não poder conversar por pressa. Esse elemento é significativo, pois revela uma cidade produtora da pressa, mesmo em dia de folga. O consumo de cultura é urgente. Indivíduos autônomos e convictos não precisam de muita conversa, precisam de eficiência em qualquer tarefa que venham a executar. Por esse motivo, pensamos em uma intervenção facilitadora do contato.

A proposta consistiu em uma pequena "Barraca do Nada". Uma montagem simples de caixas que se sobrepõem cobertas por um pano aveludado vermelho. Nesta estrutura pequenos vidros de diferentes formas, vazios e tampados são expostos. Por fim, uma placa pintada com o dizer "vende-se o nada".



Figura 4. Banca da intervenção “Vende-se o Nada”. Foto: Leonardo Cappucci

Essa intervenção foi feita em três pontos do entorno da praça e teve um resultado muito interessante. A reação da maioria dos passantes era sorrir e fazer comentários como: “*que doido*”, “*que legal*”, “*só faltava essa*”, “*o auge do consumismo*”, entre outras. Aproveitamos os passantes mais interessados, que por vezes conversavam entre amigos e tiravam fotos, para uma abordagem e o convite a uma conversa. Além da conversa, sugerimos o preenchimento de uma espécie de questionário (anexo 1) que para esta pesquisa não tem nenhum significado quantitativo ou estatístico. As questões serviram apenas como um breve contato sobre as percepções das pessoas com relação ao tema.

A sequência de perguntas é uma variação para abordagem do tema mercadoria. Pergunta-se o que é mercadoria, o que é coisa, sobre algo

inestimável ser vendido, sobre se o “nada” um dia pode virar mercadoria, e sobre a diferença entre a Feira da Benedito e um Shopping Center.

Os elementos que chamam a atenção nas respostas têm relação com o utilitarismo das coisas e o sentimento das pessoas. De um lado, a utilidade das coisas aparece para explicar a precificação e o comércio em geral. Na outra ponta, o sentimento como justificativa de tudo o que não se caracteriza como mercadoria, como se ele estivesse salvaguardado da relação de troca. Na maior parte das respostas disseram que o nada não se tornará mercadoria.

É bem interessante pensar as contradições dessas respostas que ao mesmo tempo em que pensam a utilidade das coisas como condição para o comércio, navegam à deriva em meio a um mar de mercadorias dotadas de grande carga sentimental como expressão de “valor” (preço nesse caso). O fetiche da mercadoria se particulariza de forma muito curiosa na feira da Praça Benedito Calixto. Primeiro porque a relação social que produziu essas antiguidades é completamente descartada, segundo que nem mesmo o argumento clássico positivo da sociedade produtora de mercadorias que é defendê-la por produzir utilidades, ocupação e conforto, está presente aqui. Nesse ambiente o que se vê é a defesa de sentimento impregnado nas coisas (mesmo que tenham considerado em suas respostas o sentimento como algo não negociável).

No geral, as conversas com expositores e consumidores apontam para a importância do resgate do brinquedo da infância, do resgate do eletrodoméstico da casa da avó, da superação da frustração por não ter tido o objeto na infância, da fuga da realidade através das coleções, do prazer de se auto-presentear. Estes elementos revelam o status que as mercadorias têm na vida das pessoas. Talvez isso explique o esforço de passar algumas horas do sábado a girar em torno de uma praça que uma vez por semana vira a representação da “imensa coleção de mercadorias”. É o culto aos objetos que conduz esse movimento circular de pessoas. Movimento que, no limite,

dá sentido ao indivíduo que nesta praça, mais do que em um shopping, pensa em se constituir com maior liberdade e individualidade.

Na pergunta sobre a diferença entre a feira e o shopping, com exceção de uma pessoa que além das diferenças reconheceu que o dinheiro as iguala, no geral as pessoas reconhecem a feira como um lugar de relações sociais mais genuínas, um “lugar com história”, com “cultura”, com “música”, “pessoas diferenciadas”, um lugar até mesmo com “personalidade e alma”.

Por outro lado, algumas pessoas entenderam a intervenção como crítica ao consumo de desnecessidade. “*O nada está sendo vendido como tudo. Tudo se vende. Música, artes, mas no fundo é nada*”, disse um homem enquanto passava pela intervenção. Além de outros que em meio à conversa apontaram contradições em consumir coisas que talvez não tenham mesmo importância alguma e nesse sentido, se aproximem do nada.

A barraca do nada não teve êxito comercial. A concorrência é grande. Mas a intervenção promoveu sorrisos de canto de boca que talvez tenham relação com o lado trágico do espetáculo que vivemos. De diferentes maneiras, “o nada” e “o cheiro do ralo” nos denunciavam essa possibilidade.

Já nas últimas páginas, bem próximo do colapso e do fim, a literatura nos faz desconfiar que talvez possamos realmente ser essa tragédia. Mas em algum momento a leitura acaba. Na última página, fechamos o livro e suspiramos aliviados por se tratar apenas de fruto da imaginação. No dia seguinte, em um lindo sábado ensolarado, uma volta na praça é o suficiente para rirmos aliviados.

Algumas Considerações

Escrever pode ser um ato de desespero. Momento de pedir ajuda. É reconhecer a impossibilidade de projetar um novo mundo. Sem nenhuma certeza de conforto, pedimos ajuda à literatura, entre outros amigos. As contradições ganham novos contornos, mas não deixam de cadenciar nossas vidas e este texto.

Neste caso, pedimos ajuda também a quem arriscou dizer sem concluir, a quem expunha sem propor. Drummond nos apresenta uma esperança desesperançada. Uma flor rompe o asfalto sem cor, quase imperceptível pelo cotidiano. Um desesperado senta ao seu lado. A catástrofe não foi interrompida, mas a flor rompe sem nada esperar. Um fio de esperança? Que seja com Drummond. Esperança sem rodeios, com meias palavras que dizem mais que o discurso completo positivo. Sem ilusão, sem vergonha de contrariar o mundo, no limite, sem esperança.

Segundo a literatura ficcional analisada, reiterada por nossa realidade, as lojas guardam de “tudo que o mundo pode nos dar”. Contraditoriamente, asfixiados pela “imensa coleção de mercadorias”, vivemos em meio a miséria. As lojas nos dão de tudo, menos o sentido de se viver rodeado de coisas. Adoecidos, voltamos às lojas que nos adoecem, na tentativa de consumir justamente aquilo que elas não podem nos vender. Taotologia sem a finalidade subjetiva que pensamos existir nessa objetividade.

Aquilo que não tem sentido real e profundo exige a construção de uma narrativa fantástica que nos convença a levantar da cama todos os dias. Esse discurso de superfície contraditoriamente percola as almas a fundo e naturaliza através das gerações, uma vida voltada ao trabalho e ao consumo. Discurso de superfície que nos constitui.

Nesse sentido, um dos aspectos da relação social que vivemos é que a história das coisas que produzimos está distante da realidade. Há sempre a necessidade de uma invenção capaz de forjar um sentido para a existência das coisas que nos cercam carregadas de violência.

Apesar disso, a própria realidade se constitui dessas narrativas, por isso talvez seja difícil dizer que o fetiche da mercadoria seja algo que nos distancie da realidade, uma vez que ele próprio constitui nossa consciência do real. Talvez o trânsito entre geografia e literatura não seja necessariamente a passagem da realidade para a ficção de forma tão simples como parece.

Ambos discursos apresentam a invenção de narrativas ao mesmo tempo em que constituem o real. A literatura é real. Resultado de uma real cisão da cultura. A geografia é real, enquanto cisão histórica do conhecimento. Para se constituírem como real, elaboram narrativas complexas capazes de nos aliviar provisoriamente a angústia da impossibilidade de lidarmos com a totalidade.

Os discursos criados não têm limite.

A crise e o desemprego são justificados com trabalhos autorais vendidos na praça aos finais de semana. “O sr. sabe, tá todo mundo com a corda no pescoço”. (OCR, p.101). A insanidade é reconhecida apenas como um elemento criativo literário. “O senhor tem a cara da mentira” (OCR, p.125). O alcoolismo no subemprego da montagem da feira na praça fica escamoteado pelo chopp gourmetizado dos bares do entorno. “A gente faz o lixo para ocupar os desocupados”. (OCR, p.77). O encontro na praça promove novas experiências, desde que seja com os exatos estereótipos sociais pré-estabelecidos e determinados. “A mocinha da recepção sumiu” (OCR, p. 101). Um por todos, se todos forem apenas um. “O sr sabe, se um bate, todos querem bater” (OCR, p. 101). Eu amo essas coisas. “Meu pai, fui eu que inventei” (OCR, p.111). As coisas têm seu valor intrínseco. “Se você precisa de dinheiro, você sabe que tem que me dar algo” (OCR, p.79).

Um dos momentos importantes dessa caminhada foi marcado pela exibição seguida de debate do filme “O cheiro do Ralo” em uma aula do EJA-Ensino de Jovens e Adultos em uma escola pública estadual, no bairro do Butantã. O início da conversa sobre o filme foi pautado pela suposta psicopatia do protagonista. A análise moral sobre seu comportamento o colocava distante de nós e da realidade. Em seguida, sugerimos nos

aproximar aos poucos do protagonista. Sugerimos a mudança da chave do total distanciamento, para o exercício de nos percebermos parecidos com o protagonista. A pergunta era: quais elementos da vida do protagonista se assemelham às nossas vidas? Gradativamente, passamos a nos reconhecer como protagonistas de realidades parecidas com a ficção. Ninguém saiu ileso.

Ninguém está livre da coisificação. O livro, a mão de obra que escreve este texto, o filme, os comerciantes da praça, os montadores, os catadores, os vendedores, os consumidores. Somos todos mercadorias particulares de uma certa totalidade história, que mesmo sabendo da impossibilidade de darmos conta, nos propusemos a criticar.

A analogia possível do mal-estar presente em *O cheiro do ralo*, nos provoca a reconhecer nossa própria tragédia e o quão fétido é o cheiro da forma social em que vivemos. Não ao acaso, saímos com um número maior de questões a serem enfrentadas. Saímos sem respostas. Convencidos pela incerteza. Por outro lado, reconhecemos a sociabilidade totalizante, reconhecemos a interdependência entre progresso e a morte.

Uma coisa há de se notar. O fantástico tem lugar privilegiado na relação social capitalista. O tempo todo forja respostas, perfumes e imagens a fim de ocultar suas fétidas ruínas. Essa sociabilidade tem sua forma própria e histórica de construir a ideia do impossível se realizar. Na literatura, na geografia e na vida, o inestimável pode ser a qualquer instante precificável. Até que a morte nos separe.

A invenção do sentido em uma sociabilidade sem sentido passa a constituir seu sentido. Todos os dias busca-se criar uma explicação que seja capaz de esconder as mortes que rodeiam a sobrevivência de cada um de nós. Se passamos a vida toda aprendendo amar objetos, a saudade da infância, da casa da avó, da quitanda da esquina, será também a lembrança das coisas que nos rodearam. Essas narrativas são, ao mesmo tempo, todas reais e todas inventadas. Agora, quem não teve avó, não teve mãe, não teve pai, não teve acesso aos objetos, não tem lugar nessa brincadeira de ter que inventar sua própria história. Corre o risco de admirar o outro, e obedecer.

Corre o risco de odiar o outro, e meter o loco. É o imperativo da história pelas coisas. Os bastidores desse grande ato humano de 400 anos passados, conhecido como modernidade, talvez nunca sejam revelados por completo. Talvez sejamos incapazes de suportá-lo. O cheiro fétido, a imagem visceral e a sujeira dessa catástrofe recebem atentamente uma camada colorida de arte-fatos que tornam a cortina de fumaça fantástica, como um sábado na praça.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. Tradução Jorge de Almeida. São Paulo - Duas Cidades; Ed 34, 2003;

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Companhia das Letras. São Paulo, 2012;

BRUN, Eliane. *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. 2.ed. Arquipélago Editorial. Porto Alegre, 2017;

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Ouro sobre Azul - Rio de Janeiro, 2004;

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. Ouro sobre Azul – Rio de Janeiro, 2010;

CANDIDO, Antonio. *A Personagem do Romance*. In.: *A Personagem de Ficção*. Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes. Editora Perspectiva. São Paulo, 2011;

DAMIANI, Amélia Luisa. *Espaço e Geografia: observações de métodos- Elementos da obra de Henri Lefebvre e a Geografia- Ensaio sobre Geografia Urbana a partir da Metrópole de São Paulo*. Livre-docência. Universidade de São Paulo - Brasil. Ano de obtenção: 2008;

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro. Contraponto, 1997;

DUARTE, Cláudio R. *Literatura e Geografia: espaço, alienação e morte na literatura moderna – um esquema*. Anais do IV SEPEGE-GH, São Paulo, 2010;

DUARTE, Cláudio R. *O mundo (des)figurado de Kafka: o estilhaçamento da experiência e da aparência social da modernidade*. 2005. Disponível em <<http://www.militantemaginario.blogspot.com>>. Acesso em 25 out. 2017;

DUARTE, Cláudio R. *LITERATURA, GEOGRAFIA E MODERNIZAÇÃO SOCIAL - Espaço, alienação e morte na literatura moderna*. Tese de Doutorado. Orientador: Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann.– São Paulo. USP. 2010;

GAUDEMAR, Jean-Paul de. *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Estampa, Lisboa, 1977;

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. Tradução: Carlos Szlak. São Paulo. Annablume, 2005;

JAPPE, Anselm. *As aventuras da mercadoria: para uma nova crítica do valor*. Tradução: José Miranda Justo. Portugal. Antígona, 2006;

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Tradução: Alcides João de Barros. Ed. Ática. São Paulo, 1991;

MARINHO, Samarone Carvalho. *Geografia e literatura: esboço crítico-compreensivo a um campo de estudo em discussão*. In: Geografia, literatura e arte : epistemologia, crítica e interlocuções [livro eletrônico] / Júlio César Suzuki, Angelita Pereira de Lima, Eguimar Felício Chaveiro, Organizadores. -- Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016;

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo - Nova Cultural, 1988;

MONTEIRO, Carlos A. de F.. *O Mapa e a Trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*. EdUFSC, 2007;

MUTARELLI, Lourenço. *O cheiro do ralo*. Devir: São Paulo, 2002;

KURZ, Robert. *O colapso da modernização*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996;

KURZ, Robert. *O mito da produtividade: desenvolvimento tecnológico, racionalização e desemprego*. Tradução de José Marcos Macedo. Disponível em: <http://www.obeco-online.org/rkurz1.htm>. Acesso: 12/02/2018.

KURZ, Robert. *A estetização da crise*. Tradução de José Marcos Macedo, 1997. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/11/23/mais!/4.html> Acesso 25 out. 2017;

KURZ, Robert. *A degradação da cultura*. Tradução de José Marcos Macedo, 1998. Disponível em: <http://www.obeco-online.org/rkurz30.htm>;

KURZ, Robert. *A estética da modernização: Da cisão à integração negativa da arte*. Com todo vapor ao colapso. Juiz de Fora: Pazulin; UFJF, 2004;

KURZ, Robert.. *O adeus ao valor de uso*. Original Abschied vom Gebrauchswert . Publicado em Neues Deutschland, 29.05.2004. < www.exit-online.org>. Tradução: Boaventura Antunes. Disponível em <<http://www.obeco-online.org/rkurz165.htm>>. Acesso 02 nov. 2017;

KURZ, Robert. *Um sonho de liberdade*. Tradução de Luiz Repa, 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1601200516.htm> Acesso 09 jan. 2018;

OLIVEIRA, Laerte Fernandes de. *Em um porão de São Paulo:o Lira Paulistana e a produção alternativa*. São Paulo. Annablume:FAPESP, 2002;

RENTE, Renata Santos. *Região geográfica e regional na literatura brasileira: a representação do sertão em Guimarães Rosa e os debates sobre a formação do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Orientador: Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann.– São Paulo. USP. 2013;

SCHOLZ, Roswitha. *Forma social e totalidade concreta: na urgência de um realismo dialético hoje*. [EXIT! Crise e Crítica da Sociedade da Mercadoria, nº

6 (2009) Editora: Horlemann Verlag. Tradução de Boaventura Antunes e Virgínia Saavedra, 2010. <http://obeco.planetaclix.pt>

SCHOLZ, Roswitha. *O valor é o homem*. Tradução portuguesa de José Marcos Macedo publicada em S. Paulo, NOVOS ESTUDOS – CEBRAP, nº. 45 - julho de 1996, pp. 15-36.

SILVA, Damásio Marques da. *Da prosa marginal à literatura underground de Lourenço Mutarelli: O cheiro do Ralo*. Dissertação de Mestrado. Orientadora Prof^a. Maria José Gordo Palo. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica, 2014;

Anexo 1

O que você entende por:

Mercadoria: _____

Peça única: _____

Inestimável: _____

Coisa: _____

Nada: _____

Algumas questões

Será que tudo pode se tornar mercadoria em algum momento?

O que ainda não é mercadoria?

Será que o nada pode se tornar mercadoria?

As pessoas são mercadoria?

A história dos objetos é real ou inventada?

Qual a diferença entre a Feira da Benedito e um shopping?

Data: